

# Organização, Comunidade & Continuidade



peter gelderloos

O presente texto foi publicado originalmente em catalão em 2022 e posteriormente em inglês na coleção *Organization, Continuity, Community*, lançado em 2024, pela editora estadunidense, *Detritus Books*.

*Gelderloos* é um anarquista norte-americano, atuou também na Catalunha, é autor de *Anarquia Funciona* (2010) e *Como a não violência protege o Estado* (2005), referência em debates sobre resistência. Em 2024, ele coproduziu *Revolução ou Morte*, uma série documental focada na crise climática global, em colaboração com o *SubMedia*. E em 2025 lança no Brasil o livro “*As soluções já Estão Aqui: Estratégias Revolucionárias Ecológicas Vindas de Baixo*”, em parceria com a *Teia dos Povos*.

Para outros materiais para ler, imprimir e ferramentas, visite:

[1000contra.com.br](http://1000contra.com.br)

[faccasoficticia.noblogs.org](http://faccasoficticia.noblogs.org)

**ORGANIZAÇÃO,  
CONTINUIDADE  
& COMUNIDADE**

peter gelderloos



# Sumário/índice

Organização, Continuidade & Comunidade .....	8
Zonas de branquitude .....	9
O pêndulo revolucionário .....	10
Organização .....	14
A questão da organização .....	15
O substrato da organização .....	15
O momento da organização .....	18
Tipos de organização e seu momento adequado .....	20
Grupos de afinidade.....	20
Assembleias temáticas.....	21
Assembleias locais .....	24
O encontro .....	25
Assembleia Anarquista .....	26
Coordenação.....	29
Federação .....	31
Continuidade .....	37
O que é e por que não a temos? .....	38
Individualidade .....	39
Cuidado.....	40
Violência íntima.....	42
Má resolução de conflitos.....	44
Desespero.....	46
Idade.....	47
Critérios equivocados.....	47
Falta de sinceridade .....	47
Semeando a continuidade .....	48
Conflitividade .....	49
Espiritualidade .....	52

Comunidade.....	54
Isso não é uma comunidade .....	55
Um imaginário comunitário .....	56
A versão pessimista .....	61
A versão otimista .....	63



# Organização, Continuidade & Comunidade

## Zonas de branquitude

Inevitavelmente, escrevo de um determinado lugar no mundo e na história. Esse contexto é o que dá sentido às minhas palavras e também influencia quem pode me entender, com quem posso falar e como. Não pretendo transmitir nenhuma verdade universal neste texto, mas pretendo extrair o que é verdadeiro nas histórias das quais faço parte. Essas histórias se entrelaçam com outras — as fronteiras são sempre ilusórias, por mais real que seja o sangue derramado para construí-las —, mas se originam principalmente de experiências na Europa e na América do Norte, dentro do que poderíamos chamar de zonas de branquitude. A branquitude é uma estrutura global que dá sentido ao capitalismo e às campanhas de organização e colonização realizadas pelos Estados. Mas também existem zonas específicas, zonas que se consideram o centro do mundo, nas quais a branquitude se tornou tão hegemônica que todas as outras experiências da existência cotidiana são invisibilizadas.

Escrevo de algumas dessas zonas (eu também atravesso fronteiras, e elas me atravessam), mas na esperança de que as reflexões que compartilho sejam válidas para outras pessoas que habitam essas zonas, pessoas racializadas e pessoas brancas. Acima de tudo, espero que essas reflexões ajudem a destruir a branquitude, essa máquina de colonização mental que constantemente confunde nossas lutas.

Entendo que “zona de branquitude” é uma maneira imperfeita de me referir ao meu contexto (minha modesta contribuição é que talvez seja melhor do que “Norte Global” e certamente melhor do que “Primeiro Mundo”, já que reconhece a realidade díspar de bolhas e enclaves em vez de se apegar às divisões claras de hemisférios e fronteiras). Mas também acredito que haja alguma verdade na designação. Fora dessas zonas, os maiores obstáculos à

luta incluem as formas mais extremas de violência, como paramilitares, bombardeios, a absoluta falta de água e comida, evangelismo ou outras religiões fundamentalistas. Em contrapartida, as zonas de branquitude são definidas pela promessa (ilusória) de que o capitalismo pode nos garantir sobrevivência e felicidade. A mesma violência sustenta essa promessa, mas tende a agir de forma indireta, por meio de uma intensa alienação e do desaparecimento de todas as possibilidades comunitárias.

## O pêndulo revolucionário

Para falar de organização revolucionária, o primeiro tópico deste ensaio, precisamos primeiro falar de uma estrutura psicossocial que condiciona — quando não proíbe completamente — o diálogo sincero. A estrutura a que me refiro é o pêndulo revolucionário, essa evasão de uma crítica honesta e uma avaliação séria de nossa atividade, uma fuga que nos balança entre opostos superficiais, repetidas vezes, eternamente, como um pêndulo que nunca se aprofunda no terreno da luta.

A metáfora de um pêndulo é apropriada: na repetição de seu movimento, o pêndulo não retorna exatamente à mesma posição inicial. Assim como o Pêndulo de Foucault demonstra o Efeito Coriolis, a cada vez ele retorna a um lugar próximo ao original, mas não idêntico, deslocando-se um pouco e evitando assim uma repetição estática.

Assim como na metáfora, o pêndulo não consiste em duas posições distintas, mas sim em um único mecanismo. No que diz respeito às posições estratégicas do meio libertário, cada posição presume ser o oposto de sua antecessora — e, portanto, a panaceia para todas as suas falhas —, mas, na prática, elas constituem um todo, um único dispositivo ideológico. A dualidade fictícia do pêndulo é sustentada pela falta de comunicação entre seus dois polos. Um teatro de posturas, um tiroteio de clichês, estéticas e frases prontas é essencial para a comunhão entre as duas posições, enquanto um diálogo ou debate real seria seu antídoto. Assim, é crucial que os dois polos envolvidos nessa dança pendular — parceiros de dança, na verdade — sejam desonestos consigo mesmos, pelo menos nas questões fundamentais em torno de sua identidade.

Ao rejeitar uma avaliação matizada e não identitária de nossas lutas co-

letivas, percebemos a impossibilidade de elaborar ideias inteligentes e úteis sobre organização e também descobrimos uma das chaves para a falta de continuidade histórica em nossas lutas. O ponto de inflexão do insurrecionalismo para o autodenominado anarquismo organizado nesses territórios nos mostra a riqueza de experiências que o pêndulo nos faz perder. Na narrativa atual, o insurrecionalismo é associado ao informal e antissocial, enquanto o anarquismo organizado é associado ao formal e ao social - e também a todo um setor que, para ser fiel ao seu conceito de “ser social”, deixou de se identificar com o anarquismo.

O que falta nesta história? Qualquer coisa de valor.

O insurrecionalismo na Península Ibérica nasceu em circunstâncias em que o ecossistema anarquista era dominado por uma CNT pouco conectada aos conflitos sociais, uma CNT sectária e burocrática que, além de tudo, frequentemente se opunha ao feminismo e ao apoio aos presos. As críticas insurrecionalistas à organização formal e à paralisia, sua insistência em atacar o sistema dominante, mesmo que às vezes sejam os únicos a fazê-lo, estavam cem por cento corretas. Eles realizaram um trabalho fundamental (por exemplo, entre 1996 e 2012) de obstruir o esforço sistemático do Estado para pacificar a sociedade (um esforço visível na modernização da polícia e na imposição do neoliberalismo no espaço público). Com grande esforço, esses anarquistas ajudaram a restaurar a possibilidade de rebelião nas ruas. A corrente insurrecional conseguiu isso com milhares de ataques, mais ou menos visíveis, apontando inimigos e demonstrando que “é fácil atacar”. Ela trouxe seu imaginário e suas capacidades para as primeiras revoltas sociais da nova onda de conflitos (particularmente as greves de 2010-2012).

Todos nós que estamos nas ruas hoje devemos ser gratos por esses esforços, porque o fato de que hoje os motins sejam bastante comuns e que os jovens tenham oportunidades de expressar sua raiva não caiu do céu. É o resultado de muita preparação e da ação de pessoas que não tiveram medo de agir, mesmo que isso significasse agir sozinhas. (Ironicamente, os “sociais”, que sempre falam mal da espontaneidade e enfatizam a importância da pre-

paração, ignoram o trabalho preparatório de seus adversários.)

O que aconteceu? O insurrecionalismo ibérico atingiu seus limites, como era de se esperar. Não tivemos muito sucesso em nos organizar de acordo com critérios insurrecionais para facilitar a coordenação e o compartilhamento em larga escala, e eu também diria que muitos não sabiam como trabalhar com pessoas que não acreditavam exatamente nas mesmas coisas que eles (especialmente em 2011, quando o movimento 15M influenciou as assembleias de bairro, e após a repressão das Operações Pandora e Piñata quando muitas pessoas - tanto anarquistas não insurrecionais quanto muitos não anarquistas - se manifestaram em solidariedade aos que foram reprimidos). Não ajudou em nada o fato de partes daquele meio encararem críticas como traição e de outros confundirem afinidade com boas vibrações ou ausência de divergências. Este será um tema recorrente: uma preferência pelo conforto social e uma recusa em realizar o árduo trabalho teórico e prático, mesmo quando se arrisca a liberdade ou a vida.

Então, um novo meio surgiu (e incluiu muitos indivíduos que fugiam do meio anterior). Em vez de realizar uma avaliação paciente e afetuosa de tudo o que havia sido vivenciado, arriscado, sonhado, conquistado e perdido, eles se definiram como um oposto. Muitas vezes, isso aconteceu da maneira mais superficial imaginável, atribuindo-se a alguns rótulos que nunca passavam do nível de adjetivos contra outros adjetivos. Fizeram uma caricatura da experiência anterior, que rejeitavam em sua totalidade, recusando-se a aprender qualquer coisa com ela. Social vs. antissocial, formal vs. informal, vizinhos vs. camaradas, federação ou sindicato vs. grupo de afinidade.

Durante os primeiros anos dessa nova tendência que se auto intitulava “social” e “organizada”, pouco foi realizado além de algumas experiências sobre como não gerar uma organização formal (experiências muito úteis para aqueles que pararam para digeri-las antes de passar para a próxima moda). Houve também alguns grupos, muito produtivos e produtivistas, que começaram a realizar coisas. Eles foram capazes de fornecer a essa nova tendência do anarquismo social e organizado uma certa sensibilidade e prática real (embora muitos deles não compreendessem suas conquistas em contexto).

A partir dessa prática mais recente, novas experiências válidas e inteligentes estão surgindo, as pessoas estão construindo uma auto defesa coletiva

contra algumas das agressões do capitalismo, usando formatos mais ou menos horizontais e autônomos, e isso é importante. Mas já podemos sentir os limites internos dessa prática/discurso, que inevitavelmente provocarão seu desaparecimento, seja por absorção pelo próprio sistema capitalista, seja por esgotamento, seja pela impossibilidade de vencer uma guerra de atrito contra o Estado. Não se pode abolir a propriedade privada apenas interrompendo os despejos. Não podemos responder indefinidamente aos problemas imediatos da pobreza e da precariedade sem um horizonte revolucionário que coloque no centro a consciência do capitalismo em sua totalidade. Daqui a alguns anos, poderemos entender como o fracasso de 2020 – quando o próprio movimento por moradia sabotou a greve de aluguéis (com exceção de algumas regiões, nas quais os camaradas ousaram iniciar uma greve de aluguéis e se mostraram altamente bem-sucedidos) – sinalizou como a linha de luta que se considerava social e organizada havia atingido seu limite e tinha que evoluir ou desaparecer.

Da mesma forma, a resposta anarquista à repressão de Pandora e Piñata — toda a arrogância, as tentativas de monopolizar a solidariedade, as hierarquias internas, a incapacidade de aceitar a solidariedade de não anarquistas ou anarquistas sem status, o medo de espaços heterogêneos sem afinidade (um medo que parecia já termos superado durante as experiências do 15M e das assembleias de bairro), a recusa em reconhecer o medo e o sofrimento causados pela repressão, a rejeição ao cuidado — tudo isso sinalizou o fracasso definitivo da corrente insurrecional na península.

Vamos parar um momento para refletir sobre o que acontecerá depois, sobretudo com os camaradas que se identificam com a prática atual, “sociais e organizadas”. A próxima geração descartará toda a experiência de vocês com alguns rótulos fáceis (talvez “vendidos”, “reformistas” ou “tolos ingênuos”?) com o mesmo desdém que muitos de vocês direcionaram à corrente anterior. Ou, na melhor das hipóteses, se não fizermos o imenso esforço de mudar a própria maneira como construímos a luta, eles simplesmente ignorarão a experiência atual, se recusarão a aprender suas lições e passarão para a próxima moda. É um desperdício que precisamos aprender a evitar.

# Organização

## A questão da organização

Não creio que ajude em nada as crenças polarizadas de que a organização formal fortalece a luta ou é capaz de gerar mais luta, nem a crença oposta de que a organização formal equivale a burocracia e autoritarismo. Acredito que a organização formal é um risco, uma possível via de recuperação e institucionalização, mas que muitas vezes também é inestimável. Avançar na luta sempre significa abrir a porta para novos riscos. Este fato não deve ser motivo para não avançarmos.

O paradoxo se revela poderosamente em nossa própria história: na década de 1930, a CNT foi o veículo mais potente para a preparação da revolução social, mas no final de julho de 1936 tornou-se a ferramenta mais importante para bloquear essa mesma revolução.

Ou outro exemplo mais recente: no ciclo de lutas de 2008 a 2016, a falta de organização (ou, mais precisamente, a ausência de uma prática organizativa) no meio anarquista foi um dos principais limites que impediram o crescimento das lutas e dos horizontes anarquistas, enquanto o impulso para criar organizações formais no final desse ciclo foi um dos principais caminhos para o enfraquecimento e a pacificação do anarquismo local.

Para lidar com esse paradoxo, precisamos entender por que as organizações formais são perigosas, em que momentos são necessárias, o que trazem para a luta e o que não trazem.

## O substrato da organização

Quando camaradas comparam os méritos da organização formal e informal, quando debatem as melhores fórmulas organizativas e, sobretudo, quando examinam a relação entre organização e hierarquia, esquecem a questão principal, que é o substrato sobre o qual as organizações são construídas. Uma organização raramente é capaz de mudar o substrato cultural que dá sentido a todos os seus gestos, ações e práticas.

Como já argumentei em “Por uma Desigualdade Anti-autoritária”, o próprio universo é informal. Formalidade e informalidade não são esferas equivalentes de existência; ao contrário, a formalidade é sempre construída

sobre uma base de informalidade, da mesma forma que o universo é entrópico e caótico, com estruturas complexas que duram um tempo e depois se desfazem.

Dinâmicas de poder informal existem em espaços informais e formais. Mecanismos formais para resolver essas dinâmicas podem resultar facilmente tanto em superá-las quanto em escondê-las ou amplificá-las. Os elementos-chave são: uma cultura popular (dentro do movimento ou da sociedade) que saiba identificar e desencorajar dinâmicas autoritárias, que reconheça e desdenhe o valentão, o tirano, o chefe, o oportunista, o bajulador; e uma vontade coletiva de trabalhar essas dinâmicas, de construir essa cultura popular.

Em um universo entrópico, a informalidade e o caos são fatos inegáveis da vida, e precisamos da maturidade para aceitar nossa falta de controle para termos uma conversa real sobre organização. Se usarmos a organização formal como uma ferramenta para navegar o caos da vida e da luta, e para canalizar nossas energias, estamos no caminho certo. Mas se acharmos que a sensação de ordem criada por uma organização formal se traduzirá em uma ordenação da luta e, se vencermos, em uma ordenação de toda a sociedade, estaremos reproduzindo a psicologia do Estado.

Uma vez que entendemos a organização estritamente como ferramenta, deixamos de perguntar se a organização formal ou informal é melhor ou de ver formalidade e informalidade como rivais ideológicos absurdos. Para cada tarefa, buscamos a melhor ferramenta. Se nos falta uma ferramenta necessária em nossa luta, nós a criamos. Não somos adeptos do martelo em detrimento do garfo; não nos sentaríamos para comer espaguete com um martelo. Ser partidário de um ou outro tipo de organização é igualmente absurdo.

Aqui, podemos propor um imaginário mais desenvolvido: organização é o processo de gerar corpos coletivos, corpos para além do indivíduo, dos quais fazemos parte. É aqui onde a consciência da natureza caótica do universo se torna inevitável: esses corpos coletivos já existem e sempre existiram. As mentiras do liberalismo e da alienação capitalista nos fizeram crer que somos indivíduos soberanos (ou dependentes, subordinados), mas tais indivíduos não existem. Só existimos dentro de uma rede de relações. Tudo isso para dizer que nos organizar é transformar e estruturar as teias coletivas

que já estão aí. Já estamos organizados sob o capitalismo, mas é um tipo de organização que torna a solidariedade e a luta quase impossíveis.

Não somos uma massa homogênea, não somos uma classe definida por uma essência compartilhada, sempre um álibi para a classe governante correspondente, seja uma nação que legitima a burguesia ou os trabalhadores que legitimam o novo partido revolucionário. O universo inteiro existe dentro de cada um de nós e nós o percebemos e o reproduzimos à nossa maneira. Não esqueçamos que Thomas Hobbes também retratou a sociedade estatista como um corpo. As autoridades, é claro, eram o cérebro, enquanto nós éramos os pés, as mãos, as entranhas. Corpos revolucionários e libertadores, as coletividades que verdadeiramente manifestarão nossa liberdade, não podem ser rígidos e, como tal, não podem ser unitários. Para ter vidas plenas, cada um de nós precisa ser capaz de ser cabeça, pés e entranhas, tudo. Como já foi argumentado em “Por uma Desigualdade Antiautoritária”, não existe uma forma organizacional que seja igualmente acessível a todos. Cada forma produzirá suas próprias desigualdades. A democracia é uma mentira. Temos que destruir a unidade, destruir qualquer base central e nos dedicar à multiplicação de coletividades e, portanto, também à multiplicação de formas organizacionais que nascem e morrem de acordo com nossas necessidades. Qualquer tentativa de criar uma organização universal e unificadora é, por definição, contra revolucionária. Por outro lado, a recusa em criar corpos coletivos mais intensos e complexos é uma recusa da própria tarefa revolucionária. O que precisamos fazer é direcionar nossa atenção para um ecossistema organizacional no qual cada ser (tanto coletivo quanto pessoal) seja cúmplice na abertura do espaço que os outros precisam para existir.

É isso que todas as espécies fazem em um ecossistema saudável. Elas não competem, elas geram o espaço no qual a vida dos outros — e, portanto, a sua própria vida também — é possível. Um ecossistema é interdependência.

Portanto, uma das tarefas organizacionais mais importantes no momento atual não é necessariamente fundar novas organizações, mas fomentar uma cultura popular mais favorável à organização revolucionária. Isso significa revitalizar e difundir tradições de autogestão, incentivar iniciativas pessoais e a auto-organização no espaço da vida cotidiana, nos bairros e locais de trabalho, e popularizar o ódio às figuras de autoridade opressoras, tanto aquelas

dentro das instituições de poder quanto aquelas que conseguem sobreviver e, às vezes, prosperar dentro dos movimentos libertários e nos bairros populares. O inimigo declarado, neste último caso, deve ser o comportamento e não o indivíduo. O que queremos expulsar são as lógicas do patriarcado, da branquitude, do Estado e do capitalismo, e não os corpos, não as pessoas criadas e devastadas dentro deste sistema opressor (caso contrário, quantos de nós sobrariam?).

Este trabalho, que vai diretamente ao substrato da organização, é um trabalho que pode ser realizado de mil maneiras por mil pessoas, de artistas a mães, de vizinhos solidários a mediadores de conflitos e todas as pessoas que buscam apoio e reconhecem a sabedoria e o poder daqueles que realizam esta tarefa ingrata. Gerar organizações estruturadas de acordo com essas lógicas faz parte do trabalho, mas no momento não é a tarefa principal.

## O momento da organização

Existem certas atividades organizativas que são adequadas em qualquer momento social, como: intervir em um conflito social, seja por meio de propaganda ou ação direta; atender necessidades vitais, desde moradia e alimentação, passando pelo cuidado das crianças e brincadeiras, de uma forma cujos pilares são a ajuda mútua, a reciprocidade, a consciência radical e a abertura à comunicação; enraizar-se em um território, criando e fortalecendo uma rede de relações que sirva para encontrar afinidades, expandir práticas subversivas, materializar ou coletivizar necessidades vitais e até mesmo assegurar a sobrevivência mútua e autodefesa em momentos de crise.

No entanto, essas atividades podem ser realizadas dentro de uma ampla variedade de estruturas organizativas, dependendo das características do momento. Para ser mais específico: minha percepção é que as iniciativas organizacionais mais frutíferas nos últimos anos foram aquelas que surgiram de camaradas que estão enraizados em um território específico e usam a organização para participar de conflitos sociais em seu entorno e para criar ferramentas que correspondem diretamente às suas necessidades vitais e às necessidades de outras pessoas no território. O tipo de organização varia desde grupos de afinidade a federações e sindicatos, mas a organização sem-

pre encontra seu lugar dentro de um ecossistema de outras organizações e iniciativas, em vez de tentar agrupá-las todas dentro de sua estrutura. Alguns exemplos que se destacam incluem um bairro de Barcelona e uma ilha do norte da África que escaparam à dinâmica dos últimos anos, uma dinâmica definida pela inércia ou por um ativismo profissionalizado, este último sendo urgente e necessário, sem dúvida, mas carente de um horizonte transformador ou de um caminho para além da institucionalização da luta, disfarçada pela enésima vez numa linguagem ligeiramente alterada.

Se aceitarmos que essas são as três atividades fundamentais de uma luta revolucionária na situação atual — intervir em conflitos sociais, atender às necessidades vitais coletivamente e nos enraizar — a questão da organização só surge na próxima etapa, quando nos perguntamos: “como construímos nossa capacidade para realizar essas três atividades?”

Os camaradas do MIL e da OLLA expressaram isso muito bem quando disseram que a organização deveria ser um verbo, um processo de ação e não um fim em si mesmo. “Organização é a organização das tarefas da luta.”

Portanto, a organização mais adequada para realizar essas três atividades fundamentais mudará completamente de acordo com as possibilidades e necessidades da luta, de acordo com a densidade de iniciativas e a intensidade do conflito, de acordo com a cultura popular de um território e as técnicas e estratégias de repressão estatal.

A questão da repressão está além do escopo deste texto, mas eu encorajaria todos a realizarem uma investigação sobre as ferramentas legais e paralegais que o Estado utiliza em seu território específico; uma análise coletiva da posição atual do Estado, quem ele vai eleger como inimigo social e como tentará isolar ou recuperar esse inimigo (e para isso é absolutamente necessário nos familiarizarmos com a teoria da contra insurgência); e, acima de tudo, uma conversa contínua com camaradas mais velhos que guardam memórias de experiências passadas de repressão, sejam elas de dez ou cinquenta anos atrás.

## Tipos de organização e seu momento adequado

### Grupos de afinidade

Quando a necessidade que você identificou é a de realizar ações com rapidez, agilidade e segurança, o grupo de afinidade não tem igual. Este é um tipo de organização que pode desempenhar um papel importante em qualquer momento da luta. Frequentemente é uma boa opção para intervir em conflitos sociais. Em pequena escala e com alcance limitado, pode organizar iniciativas que atendam a necessidades vitais de acordo com lógicas comunitárias e solidárias, e pode apoiar nossos esforços para enraizar-nos em um território, sobretudo em conjunto com outras organizações.

Também tem seus perigos e limitações particulares. A afinidade é algo que precisa ser construído por meio de um esforço contínuo, à medida que o grupo aprofunda sua teoria e prática. Um grupo baseado apenas em amizade sem desenvolver afinidade estagnar-se-á, terá pouca capacidade estratégica e pode gerar dinâmicas prejudiciais para evitar a autocrítica que faz parte da verdadeira afinidade. Ou, se for baseada em amizade verdadeira, a dinâmica interna do grupo pode ser algo belo, mas isso por si só não gera inteligência estratégica e pode até mesmo prejudicar relações com outros grupos.

As desigualdades que existem em todas as organizações podem ser especialmente desconfortáveis em um grupo de afinidade quando assumimos que afinidade significa igualdade e ausência de hierarquia. A verdade é que alguém no grupo sempre terá mais afinidade do que os outros (para modificar a frase de Orwell). (Veja “Por uma Desigualdade Antiautoritária”.) Reconhecer e lidar com os diferentes papéis e níveis de envolvimento torna-se mais fácil quando há uma base de amizade que permite fazer esse trabalho com amor e ternura.

Os detratores dos grupos de afinidade cometem um erro ao associá-los automaticamente a uma inferioridade numérica. Em quase todos os meios anarquistas que vi, em muitos países de três continentes, o número total de

camaradas ativos em grupos de afinidade excedeu (às vezes em uma ordem de grandeza) o número total de camaradas ativos na “organização de massa” ou federação local. Por outro lado, o seguinte é certo: quando a densidade de um ecossistema anarquista e a intensidade da luta excedem um certo nível, devemos complementar os grupos de afinidade com outras formas organizacionais para não sermos superados pelo ritmo dos eventos. Ironicamente (tanto para os fetichistas do formalismo quanto para os do informalismo), os grupos de afinidade aumentam muito sua força quando se unem a estruturas mais formais, como coordenações e assembleias anarquistas.

Também ironicamente, uma insurreição do tipo que os proponentes de grupos de afinidade sonham geralmente significa o declínio de uma luta que foi impulsionada principalmente por grupos de afinidade. Especialmente depois de vivenciarem uma insurreição juntos, os membros de um grupo terão aprofundado sua afinidade a tal ponto que torna quase impossível a entrada de novas pessoas - enquanto uma insurreição, por definição, significa ter muitas pessoas novas inundando as ruas. Se não tiverem experiência com ferramentas organizacionais, relações de afinidade desenvolvidas e formas organizativas que atendam às suas necessidades vitais, esses novos participantes eventualmente acabarão abandonando as ruas e voltando para casa sem jamais aprofundar seus laços com aqueles que tornaram a insurreição possível.

## Assembleias temáticas

Quando precisamos priorizar relações que podem ser cultivadas por meio da ação ou quando precisamos agir diante de uma ruptura parcial, um conflito social limitado, uma assembleia temática pode ser apropriada. Elas podem ser abertas ou semiabertas. A assembleia pode ser inicialmente convocada por um grupo de afinidade ou simplesmente por um grupo de amigos ou vizinhos, mas só terá sucesso se pessoas diversas reconhecerem uma necessidade coletiva, que se torna o tema da assembleia.

Essa necessidade pode variar desde, por exemplo, o que fazer com um terreno baldio em um bairro, como responder a uma onda de despejos que nos afeta diretamente, como melhorar nossa sobrevivência como mães solas ou pessoas com AIDS ou imigrantes sem documentos, como sobreviver a

esta enchente ou aquele incêndio ou ao aumento de preços que tornou a normalidade capitalista inacessível.

Em certas sociedades, esse tipo de assembleia parece surgir espontaneamente, mas isso ocorre apenas porque os vizinhos ainda têm o hábito de conversar uns com os outros. Esse tipo de organização precisa começar com uma conversa coletiva. Em uma sociedade mais alienada, os anarquistas precisam saber como bater à porta de seus vizinhos ou criar um espaço comunitário para que a conversa possa começar. Uma vez que as pessoas estabeleçam que compartilham uma necessidade vital, qualquer um pode propor a criação de uma assembleia.

Começarei com um perigo desse tipo de organização: o fato de seus membros compartilharem uma necessidade não sugere de forma alguma que compartilhem objetivos! Este não é um grupo de afinidade, e a tensão entre diversidade e unidade é sua característica mais central. Deve ser transformada em um ponto de força e não na razão de seu fracasso. A construção de consenso em torno das ações do grupo nunca deve definir programas políticos ou objetivos de longo prazo. Em vez disso, eles devem responder à pergunta: que ações podemos tomar para atender a essa necessidade da maneira mais digna e solidária possível, hoje e amanhã?

Os ativistas que tentam cooptar essas assembleias para promover seu programa político (frequentemente são membros de um partido político ou ONG) acabam sabotando-as ou esvaziando-as de seu potencial. O trabalho revolucionário dentro desses grupos é mostrar como essa necessidade principal, a necessidade que levou à convocação do grupo em primeiro lugar, está ligada a muitas outras necessidades e, portanto, a assembleia deve construir solidariedade com outras lutas que também buscam atender a necessidades vitais. Assim, a maioria dos participantes da assembleia desenvolverá uma consciência mais holística do problema, sem precisar ser enganada ou pressionada a aceitar um falso consenso sobre seus objetivos.

Essas assembleias já estão dando passos revolucionários quando começam a compreender a relação entre alimentação e racismo ou entre moradia e patriarcado, quando começam a usar slogans como “as casas pertencem a quem mora nelas” sem aprovar essa consciência ou esses slogans em um processo de consenso. Seu potencial radical é desenvolvido justamente através do fato

de atenderem suas necessidades de forma solidária. Portanto, os anarquistas nessas assembleias precisam chamar a atenção para a interseccionalidade das lutas e sugerir horizontes revolucionários, mas sempre enfatizando ações práticas e compartilhadas no curto prazo. Buscar um consenso revolucionário fará com que a assembleia perca sua heterogeneidade e dificultará a entrada de novas pessoas, quando essas duas características são seus maiores pontos fortes. Se as pessoas pressionarem pela busca de algum tipo de consenso em torno de declarações de missão ou objetivos, os anarquistas devem argumentar explicitamente que está tudo bem nos unirmos porque todos compartilhamos uma necessidade imediata, que não precisamos criar uma falsa unidade ou a ilusão de que estamos todos caminhando na mesma direção; novamente, a heterogeneidade é um dos pontos fortes desse tipo de grupo.

Quanto à dinâmica interna, é preferível ter uma estrutura clara para a tomada de decisões, buscando um equilíbrio entre eficiência e conforto. Estrutura em excesso provavelmente desempoderará pessoas com menos experiência em espaços de militância. Mais estrutura sempre pode ser adicionada gradualmente à medida que os participantes acumulam mais experiência, embora devamos ter cuidado para não impossibilitar a entrada de novas pessoas. Também é importante falar sobre dinâmicas de poder nessas assembleias. Acredito que a melhor maneira seja manter uma conversa contínua, franca e cuidadosa sobre os compromissos e possibilidades de cada pessoa, dando atenção especial às formas de participação que muitas vezes são negligenciadas (uma pequena dica: essas são frequentemente as tarefas reprodutivas do trabalho feminizado). Mas em tais assembleias é crucial ter muita paciência com a imperfeição e dedicar mais tempo à organização e realização de ações e à criação de espaços para a celebrar essas ações e socializar, do que a questões de estrutura, processo e dinâmica interna, caso contrário, rapidamente se tornará um grupo de ativistas especializados e perderá o fôlego.

Dada a probabilidade de a maioria das pessoas não ter experiência em facilitação, pode ser necessário que alguém se voluntarie para facilitar a tomada de decisões em grupo. Essa pessoa precisa ser capaz de dar espaço para a ineficiência e a socialização, e o grupo precisa ser capaz de percebê-la e responsabilizá-la caso esteja promovendo uma determinada agenda.

## Assembleias locais

Assembleias locais ou assembleias vocacionais são uma variação das assembleias temáticas, criadas para um bairro, uma pequena cidade ou outro território em pequena escala, ou criadas por pessoas que compartilham uma vocação, de grafiteiros a parteiras. Elas só surgirão se as pessoas daquele local ou daquela vocação realmente sentirem uma necessidade compartilhada, mesmo que essa necessidade seja simplesmente ter um espaço onde possam compartilhar preocupações ou recursos. É útil lembrar que muitas das chamadas assembleias de bairro libertárias (Barcelona, ca. 2012-2018) eram, na verdade, grupos de afinidade tentando ser algo diferente.

Antes de resumir os demais tipos de organização, talvez seja oportuno explicar o que quero dizer com densidade de um ecossistema ou intensidade de uma luta. Tendo em mente que nosso contexto é o de perfeição capitalista, ou seja, a pior distopia da história humana, temos que reconhecer que nosso ponto de partida é frequentemente o de alienação absoluta. Imersos nessa alienação, não temos conexões com outras pessoas que não sejam mediadas pelo mercado, nem coletividades que não sejam reguladas pelo Estado. Um ecossistema de luta dentro de uma sociedade fraca e hiper colonizada, terá poucas iniciativas autônomas de luta e, portanto, baixa densidade. Com menos densidade, haverá menos grupos ou núcleos que possam se articular, que possam se beneficiar de compartilhar ou se coordenar de alguma forma, menos necessidade e também menos possibilidade de organização em larga escala. Um erro muito comum é a crença de que, se você construir uma organização em larga escala, mais núcleos, pequenos grupos e protomilitantes surgirão. Iniciativas organizacionais que nascem dessa pretensão acabam sendo desperdícios épicos de energia, sem dúvida. É o erro típico de colocar a carroça na frente dos bois.

A intensidade de uma luta se refere à quantidade de pessoas na rua (“rua” como símbolo de resistência e combate, que pode incluir um hospital, o mar, uma floresta ou lugares na cidade) e à energia que elas carregam. É a efervescência de um conflito social, a abertura e a visibilidade de uma ruptura na paz social. Podemos influenciar a intensidade de uma luta com o exemplo e as práticas que geramos e com as nossas intervenções estratégicas

(ou não estratégicas, conforme o caso). Devemos sempre tentar influenciar essa intensidade, sobretudo colocando a ênfase na escala qualitativa (dado que a esquerda estará sempre lá, tentando aumentar a quantidade e diminuir a qualidade para ter um rebanho pacificado). Mas também precisamos da humildade de reconhecer que a maior parte da intensidade de uma luta (pelo menos quando ela explode) é puramente espontânea, função da vontade sempre imprevisível daquele animal místico que chamamos de “povo” (um rótulo ou impreciso ou sobrecarregado de mitologias nocivas). Temos que banir o imaginário de uma organização revolucionária que lidera o povo e aceitar com alegria que o nosso dever é estar atentos e ágeis, dançando com a história em movimento, em vez de pavimentar a estrada que temos certeza que nos levará à revolução, quando na realidade ela apenas nos leva a mais estradas.

## O encontro

Talvez o tipo de organização menos aproveitado (pelo menos por movimentos que operam em zonas de branquitude), e também um dos mais resilientes, seja o encontro. O pensamento democrático favorece a produção de unidade acima do cultivo de relações. É uma escala de valores totalmente estatista. Ao favorecer a unidade, leva os movimentos sociais a inúmeras cisões, visto que a unidade (ao contrário da solidariedade ou da interdependência) se constrói sobre a supressão da diferença. Aqueles que desprezam as relações se cegam para os benefícios dos encontros e enfraquecem nossos movimentos, que vivem de relações fortes e transformadoras em vez de estruturas perfeitas.

O encontro serve para gerar um espaço onde podemos compartilhar experiências, informações e recursos. As pessoas podem usar encontros para debater e criar recursos compartilhados ou organizar estruturas formais e outras ferramentas e mecanismos, mas sem a necessidade de consenso e adoção por todos. Os encontros são guiados pela filosofia: “se nos encontrarmos, ótimo. Se não, tudo bem”. Eles só exigem uma intencionalidade em facilitar e fortalecer as relações entre um grande número de pessoas e coletivos que, sem esse encontro, estariam mais isolados, carentes de conexões fortes entre si. O

ponto de partida de um encontro é valorizar as relações como um alicerce, como substrato de todos os outros aspectos da luta e da revolução.

Os encontros funcionam melhor com uma diversidade de espaços de comunicação e formas de compartilhamento. É assim que lidam com as suas inevitáveis desigualdades: todos podem encontrar um formato que lhes seja favorável, do mais ao menos formal, em grupos grandes e pequenos. Se for bem planejado e organizado, o encontro reconhece e desenvolve diferentes tipos de poder, saberes e papéis: é o ecossistema que surge dessas diferenças.

Não requer um alto grau de afinidade, mas, como qualquer ecossistema, não é compatível com o impulso de centralização e homogeneização. Os participantes têm de aceitar que o objetivo é fortalecer as relações entre os presentes e permitir que as colaborações fluam (num meio termo entre espontaneidade e planejamento) sem serem aprovadas por qualquer comitê central, sem que o próprio encontro atue como um organismo único.

Em Barcelona (e outras cidades), durante o movimento 15M, a ocupação da Praça Catalunha gerou um encontro espontâneo entre camaradas libertários, aumentando as conexões e intensificando as relações e colaborações. Após o fim da ocupação da praça, e agora com maior intencionalidade, os camaradas criaram novos espaços de encontro que serviam para compartilhar recursos, facilitar iniciativas e convocações conjuntas, e escrever discursos e propaganda. Não havia afinidade estrita, apenas um desejo de facilitar, em vez de obstruir, as ações de outros camaradas. Esses encontros foram sufocados pela ansiedade por centralização, disfarçada em uma linguagem formalista que buscava aquela semi mítica Organização que seria a grande protagonista de todos os movimentos sociais. Como não era o momento certo para tal iniciativa, ambos os espaços de organização morreram (ou seja, a tentativa de criar “mais organização” em um momento que não a exigia ou permitia levou à perda de espaços de organização).

## Assembleia Anarquista

Uma assembleia anarquista (ou anticolonial ou anticapitalista: deve haver uma linha básica compartilhada, mas isso não precisa ser anarquismo) reúne os coletivos de uma cidade inteira ou outro território para ampliar e intensi-

ficar nossas intervenções em conflitos e lutas sociais. Por muitos anos, uma assembleia desse tipo existiu em Atenas e foi fundamental para a organização e evolução do movimento. Ela pode ser aberta a coletivos e indivíduos ou apenas a coletivos, mas o importante é que a assembleia não se torne o principal espaço de militância de ninguém. Se os participantes não realizarem uma militância ativa na área que escolheram, se os coletivos não tiverem uma ideia muito clara sobre a razão de sua existência, a assembleia rapidamente se tornará uma gigantesca crise existencial capaz de desperdiçar as energias de todos os seus participantes por um ano ou mais.

Em geral, camaradas que estejam passando por uma crise existencial, que não tenham encontrado uma luta para participar ou que não tenham uma ideia clara do motivo de sua atividade, devem se manter o mais longe possível de qualquer organização formal ou semiformal. Recomendo que participem de um projeto radical de biblioteca ou de um grupo de leitura, ou que se dediquem às derivas benjaminianas por meio de sua cidade. E isso não é para menosprezar bibliotecas, grupos de leitura ou crises existenciais, e definitivamente não é para falar mal das derivas, todas absolutamente necessárias! É para enfatizar o fato de que as organizações têm seu momento apropriado e também têm momentos em que são a pior ideia possível, como combinar uma rave com um culto religioso (o que, sim, parece incrível, mas é apenas uma receita para uma tragicomédia).

A assembleia anarquista pode se concentrar em um conflito social concreto, como “a assembleia anarquista pelo transporte público em tal e tal cidade”, no contexto dos aumentos de preços do metrô. Ou pode se abrir para o contexto mais amplo de conflitos e movimentos sociais a fim de criar uma coesão libertária mais forte.

O objetivo é desenvolver discursos, ações e convocações compartilhadas com base em uma afinidade mínima. Portanto, isso só pode funcionar em ambientes com uma forte cultura de debate, de comunicação respeitosa e casca grossa, e se os participantes colocarem a necessidade de ações conjuntas acima de suas preferências particulares. Eles precisam ser capazes de diferenciar entre linhas vermelhas e meras preferências, por mais fortes que sejam suas preferências ou por mais corretas que acreditem ser. Na cultura atual de consumo alienado, a maioria das pessoas não sabe distinguir entre

uma preferência e uma linha vermelha.

A assembleia é praticamente incapaz de abrigar espaço para uma diversidade de estilos e modos de ser. Ela favorece um formato de fórum amplo. Portanto, é vital que seja entendida como apenas um elemento em um ecossistema anarquista mais amplo. A assembleia pode evitar desigualdades de poder e vulnerabilidade à repressão se a maior parte da atividade anarquista ainda ocorrer de forma autônoma, fora da assembleia. A assembleia serve para direcionar o trabalho coletivo em um campo específico, paralelamente a todas as atividades autônomas realizadas pelos grupos participantes, bem como por grupos que não participam da assembleia. Ela não deve unificar todas as atividades libertárias nem minar a autonomia de seus grupos.

Estilos de comunicação assertivos tendem a predominar no formato de fórum amplo. Sem dividir o fórum em pequenos grupos, o que constituiria outro tipo de organização, isso é difícil de resolver (no entanto, uma união da assembleia anarquista e coordenadora possa proporcionar o melhor equilíbrio entre vantagens e desvantagens para um momento específico de luta). É mais um motivo para sermos pacientes, em vez de perfeccionistas ou excessivamente exigentes com esses espaços. A assembleia não é a luta inteira, é apenas um momento de organização que pode nos proporcionar recursos e possibilidades. Para fazer uso da assembleia, às vezes os companheiros terão que vê-la como um campo de batalha onde terão que se acostumar a se afirmar e lutar por suas ideias e discursos.

Mas, depois de expressarem seu modo de pensar, precisam ser capazes de priorizar a solidariedade e aceitar a utilidade de mobilizações ou campanhas maiores, compartilhadas por grupos com muitas áreas de discordância. Nunca será um espaço completamente confortável para pessoas que não gostam de falar diante de um grande grupo. Essa limitação também pode se transformar em duas vantagens, se estivermos conscientes delas. Pode nos ajudar a entender que a luta não pode permanecer em espaços de conforto. E também pode facilitar a identificação dos companheiros carismáticos que têm potencial para atuar como líderes ou autoritários: não para denunciá-los, mas para mantê-los em cheque e garantir que orientem seu poder a serviço da solidariedade. Tais desigualdades sempre existirão. Escondê-las em favor de uma cultura de mediocridade não nos ajuda.

## Coordenação

Uma coordenação ou assembleia coordenadora é semelhante à Assembleia Anarquista, mas focada na coordenação logística e prática, sem dar tanto espaço às necessidades estratégicas e teóricas. Uma coordenação faz sentido quando já existem muitos grupos ou companheiros trabalhando em uma determinada área, por exemplo, na auto-organização da saúde, ou em múltiplas áreas que se sobrepõem, como comitês de greve, grupos de defesa contra despejos e cozinhas ou hortas comunitárias (no caso de uma greve longa em que os grevistas não têm acesso a salários, mas ainda precisam comer e ter moradia).

A coordenação permite que o movimento evite a duplicação de trabalho e possibilita que as pessoas deem um salto qualitativo em seus trabalhos, aumentando a complexidade por meio da aquisição e compartilhamento de infraestruturas, especializando-se e aprimorando-se em diferentes tarefas ou facilitando a comunicação em torno das necessidades coletivas e sua resolução.

Por razões de escala, é comum que uma assembleia coordenadora trabalhe com delegados ou pessoas especializadas nas tarefas concretas de coordenação. Essas posições podem ser formais ou informais, rotativas ou ocupadas pelas pessoas que inspiram mais confiança no grupo por sua capacidade de desempenhar essa função. Pessoas com experiência ou habilidades específicas e especializadas também podem ser incumbidas de elaborar propostas mais complexas relacionadas à sua área de atuação. Isso deve ser permitido, desde que as propostas estejam sujeitas à aprovação ou modificação pelo grupo maior, desde que esses indivíduos construam suas propostas por meio de feedback intensivo sobre as necessidades do grupo e desde que se envolvam de forma construtiva e não egoísta com o feedback após a implementação das propostas.

A coordenação tende a ser um espaço muito produtivista, focado em resultados e eficiência. Frequentemente, uma coordenação lida com situações de urgência. Por essas duas razões, é especialmente importante que os companheiros que compõem a assembleia coordenadora tenham uma formação feminista aprofundada ou que a assembleia coordenadora apoie e incentive

os membros especializados nas tarefas de coordenação a participarem de treinamentos e workshops paralelamente às suas outras responsabilidades. Esse treinamento deve se concentrar no cuidado, nos perigos do produtivismo, em como reconhecer atividades e contribuições invisibilizadas, na necessidade de comunalizar contatos e recursos, em vez de monopolizá-los .

Diferentemente da assembleia anarquista, este não é um espaço para longos discursos, mas sim para tomada de decisões práticas e detalhadas; por isso, é completamente compatível com as minúcias das estruturas que facilitam a comunicação e a tomada de decisões por consenso, desde grupos de trabalho até debates, enquetes, aquários, termômetros humanos e mil outras ferramentas desenvolvidas dentro da cultura ativista do consenso. (Na assembleia anarquista, esses mesmos processos podem parecer burocráticos e muitas vezes inviáveis, devido a falta de facilitadores para obter um consenso detalhado. A assembleia anarquista é um espaço para fortalecer nossos horizontes revolucionários, um espaço onde a teoria importa e, por isso, as diferenças entre os grupos podem se acentuar. Como a coordenação é sumariamente prática, seus participantes estão dispostos a seguir processos que sejam funcionais, mesmo que não ideais.)

Nesse sentido, gostaria de ressaltar nossa necessidade urgente de material pedagógico, uma espécie de etnografia do próprio movimento que nomeie e descreva as técnicas típicas, conscientes e inconscientes, pelas quais construímos e protegemos hierarquias informais, evitamos ou cooptamos mecanismos formais projetados para equalizar a distribuição de poder dentro de uma organização, mas que acabam protegendo outras hierarquias. Ou seja: etnologias encomendadas pelo próprio movimento que nos espelham como reproduzimos as hierarquias que nos enfraquecem e quais técnicas realmente funcionam para transmitir experiências, desenvolver capacidades e para harmonizar diferenças de forma respeitosa. Os companheiros que realizam tal trabalho devem fazê-lo com um olhar sincero, em vez de tentar ganhar pontos para um lado ou outro no eterno e tedioso debate entre formalismo e informalismo. (Na verdade, muitos companheiros desperdiçam tanto tempo e dinheiro na universidade sem trazer de volta nenhum conhecimento útil para o movimento.)

Sociedades antiestatais frequentemente usam o ridículo para direcionar

a atenção coletiva às dinâmicas autoritárias. Mais do que artigos e livros, eu diria que precisamos urgentemente de grupos de teatro anarquistas que nos critiquem, que coloquem em cena nossas más práticas, tanto o autoritarismo dos jovens populares da cena quanto os pequenos ditadores de projetos anarquistas, e toda a cumplicidade que a maioria dos outros camaradas demonstra para conceder poder a esses microautoritários.

Uma coordenação também se beneficiaria muito se isso fosse combinado com um encontro periódico, um espaço antiprodutivista que colocasse toda a ênfase nos relacionamentos, no cuidado e na celebração de nossas conquistas, compartilhando amplamente em vez de especializar e canalizar a comunicação como a coordenação faz.

## Federação

A federação é o tipo organizacional mais mitificado dentro da cultura anarquista europeia. Ela chegou a ser convertida em objeto de desejo, um fetiche. Eu diria também que é o tipo mais particular, útil apenas em condições muito específicas. A federação reúne grupos locais e cria um ponto central onde eles podem tomar decisões que podem afetar todos os locais. Ela também pode fazer uso dos recursos de todos os locais. Além disso, a federação pode ser estendida quase sem limites. Ela possui múltiplos pontos de coordenação e tomada de decisão, por exemplo, o grupo local, todos os grupos em uma cidade ou setor, em uma região, em uma nação ou grande território, e até mesmo em escala continental ou global. Na experiência europeia, existem federações anarquistas que têm sido eficazes por anos ou até algumas décadas em um país inteiro. Por razões que exploraremos mais adiante, fora da sociedade ocidental existem exemplos mais potentes de confederações plurinacionais que têm sido eficazes por séculos.

Antes de nos aprofundarmos mais à mística da federação, devemos considerar a realidade atual: é o tipo organizacional mais fadado ao fracasso em nosso contexto. Essa fragilidade tem duas causas principais. A primeira é um mal-entendido que precisamos esclarecer. Organização formal não é a solução para a falta de atividade, a falta de luta ou a falta de clareza. Pelo contrário, é a resposta quando estamos sobrecarregados pelo nível de atividade,

pela intensidade de uma luta ou pela clareza de nossa análise.

Algum santo na Bíblia disse a um seguidor seu: “Se você construir, eles virão”, referindo-se à Igreja e às massas. Organizações anarquistas não devem seguir esse conselho. Se não estamos em um momento com muitos grupos locais fazendo o mesmo trabalho ou um trabalho muito semelhante, um momento em que superamos níveis anteriores de luta, tentar criar uma federação é certamente a pior coisa que poderíamos fazer.

Repitam comigo: o anarquista que está passando por uma crise existencial, que acredita que nosso movimento está em um momento de fraqueza, jamais deve propor a criação de uma organização formal maior. Mas, com muita frequência, esse é o perfil exato do camarada com fetiche formalista. Nós os acompanhamos ao longo dos anos. Quase todos se filiaram a algum partido de esquerda em questão de anos, partidos que são famosos por nada além de desperdiçar recursos e oportunidades, partidos que não podem oferecer nada além de um senso de pertencimento e respostas simples para as grandes questões existenciais.

Quando vivenciamos uma angustiante falta de clareza ou pertencimento, devemos expressá-la aos nossos camaradas como uma necessidade legítima, em vez de confundi-la com um impulso estratégico. Não é.

Se não houver muitos grupos locais com uma ideia clara de seu trabalho, criar uma federação raramente fará com que tais grupos apareçam. Isso é colocar a carroça na frente dos bois. A federação pode ser uma excelente maneira de canalizar atividades que já existem (ou que estão pelo menos em estágio inicial) em um momento de alta densidade e alta intensidade. Ela não é capaz de conjurar esse tipo de atividade.

A outra razão para o fracasso típico das federações é que este é o mais perigoso dos tipos organizacionais que discutimos, o mais capaz de um desvio autoritário. E desta vez não estamos falando dos microditadores em muitos grupos de afinidade ou assembleias de bairro, estamos falando de uma autoridade capaz de oprimir as massas.

Se fôssemos traçar o esquema organizacional de uma federação, dos grupos locais ao secretariado ou comitê central, passando pelas federações locais, federações regionais, etc., acabaríamos com uma pirâmide. Alguém mais ouviu um alarme tocando? Em outras palavras, a federação tem uma estrutura

muito semelhante à do Estado. Federações antiautoritárias que foram eficazes, que não se traíram, funcionaram como pirâmides invertidas. Quase todo o poder irradiava dos grupos locais, que mantinham sua autonomia. Mas, em zonas de branquitude, é muito difícil para nós inverter uma pirâmide. Nossas pirâmides sempre acabam com a ponta para cima. A razão é o nosso substrato cultural, aquilo que apontei como prioridade do nosso foco, antes de passarmos à questão do tipo organizacional.

Não é por acaso que a CNT e a FAI — ou mais precisamente, seus líderes, porque no fim das contas eram organizações anarquistas com líderes — desempenharam um papel decisivo na pacificação e repressão da revolução de julho de 1936 (ainda que ambas as organizações, por meio de seu trabalho nos anos anteriores, também tenham tornado essa mesma revolução possível). Também não é coincidência que as federações de hoje sejam palco de disputas de poder que parecem intermináveis.

Graças à má reputação que as federações e outras organizações altamente formais conquistaram, muitos camaradas desenvolvem uma desconfiança permanente ou até mesmo transformam a crítica à formalidade em dogma. Isso nos impossibilita de reconhecer o momento em que uma federação ou organização similar se torna necessária. O efeito desse dogma é altamente lamentável, pois são justamente as pessoas que desconfiam das organizações formais em quem deveríamos confiar mais quando chega a hora de construí-las.

Agora é hora de entrar no assunto: o momento de construir uma federação é quando há muitas pessoas em luta, quando pelo menos uma semi-afinidade se desenvolveu entre muitas dessas pessoas graças às experiências de combate, debate e solidariedade, e quando precisamos dar um salto qualitativo nas capacidades da nossa luta. Não é por acaso que esse salto ocorreu na Península Ibérica em 1910, logo após a Semana Gloriosa (depois que grupos de trabalhadores se organizaram em menor escala, centros sociais que influenciaram o substrato cultural e órgãos como a Solidaridad Obrera construíram uma base de afinidade e redes de comunicação ao longo de muitos anos). Também não é coincidência que na Grécia, num xoros anarquista tradicionalmente desconfiado de federações e outras iniciativas que aglutinassem todos os grupos, o processo organizacional de criação de federações

tenha começado após o auge da insurreição de 2008 e o subsequente declínio, quando o movimento se mostrou incapaz de bloquear as campanhas contrarrevolucionárias manifestadas pelo referendo de Tsipras e pela fabricação da crise migratória na fronteira.

A essa altura, nossa consciência coletiva deveria ter assimilado a federação e organizações formais semelhantes como algo muito perigoso, mas também algo muito potente e necessário para dar um salto qualitativo na luta quando a densidade do movimento é alta e a intensidade do conflito social começa a superar a capacidade de mobilização das organizações de menor escala.

Como podemos garantir que a federação não tome o caminho da pacificação, da burocratização e do autoritarismo? Muito já foi escrito sobre os mecanismos formais que devem existir, como rotação de tarefas, delegados revogáveis, estruturas de mediação, práticas de crítica e autocrítica. Todos eles são necessários. Podemos nos beneficiar de todas as energias gastas e lições aprendidas ao longo de nossa longa história de auto-organização. Mas não podemos esquecer que mecanismos antiautoritários são uma farsa se não forem acompanhados por uma cultura antiautoritária.

Para garantir que a pirâmide da federação permaneça invertida, precisamos fazer todo o possível para que os grupos locais mantenham um alto grau de autonomia e que delegados que buscam poder, falam a linguagem da política, reproduzem comportamentos patriarcais ou passam mais tempo se organizando nos níveis centrais do que trabalhando nos grupos locais sejam criticados e revogados. Além disso, é vital que nunca haja um ponto central no movimento com mais legitimidade e poder do que outros espaços. A organização anarquista precisa sempre de estruturas redundantes. (Observe que centro nervoso não é um nome apropriado. Sistemas neurais, assim como ecossistemas e sociedades antiautoritárias, funcionam porque são redes, caracterizadas por conexões e caminhos múltiplos e redundantes. O cérebro é inteligente justamente porque não há centro nervoso; ele é uma rede nervosa.)

A federação pode evitar os perigos do estatismo se nunca tentar unificar todo o movimento, se se conceber como apenas mais um elemento dentro de um ecossistema de luta, se praticar sempre a solidariedade com outros elementos. Porque outros espaços de luta serão mais capazes de fomentar uma

cultura antiautoritária e a crítica que a federação necessita para realizar sua tarefa revolucionária. Novamente a palavra-chave: interdependência.

Por fim, seria útil mencionar formas internacionais de organização em tempos como estes, quando precisamos elevar rapidamente o nível de coordenação, comunicação e solidariedade além-fronteiras, mas pode ser que não seja possível nem desejável fazer uso de uma federação internacional neste momento. (Sem federações nacionais funcionais, uma federação internacional tem poucas chances de sucesso, pelas razões já apontadas.)

Ainda assim, por razões de segurança, não falarei de experiências ou iniciativas atuais. Direi que, no mínimo, todo núcleo anarquista deveria se educar sobre as lutas que ocorrem em países vizinhos e em outros continentes (um sub mínimo que muitos camaradas aqui na Catalunha negligenciam, não apenas em relação ao país que fica a apenas cem quilômetros de distância, mas também a países com os quais o Estado espanhol mantém uma relação colonial). Para além disso, estes núcleos deveriam ter coletivos parceiros em outro país. Isso implicaria organizar visitas coletivizadas. O coletivo arrecada recursos para que alguns membros possam fazer a viagem, eles conversam sobre isso antes e depois, e mantêm o relacionamento por meio de comunicação à distância e visitas subsequentes com o objetivo de facilitar a solidariedade e compartilhar perspectivas e recursos. Eles também coletivizam contatos, coletivizam seu próprio relacionamento, de modo que, em uma cidade com uma dúzia de grupos anarquistas, qualquer um de nós pudesse acessar contatos em uma dúzia de países ao redor do mundo.

Repito: isso deveria ser o mínimo. Não o cumprimos por uma série de fatores problemáticos. Camaradas de países colonizadores estão acostumados a se considerar o centro do mundo e, muitas vezes, não aprendemos com outros países. Isso é cumplicidade com a supremacia branca e mudá-la deveria ser uma prioridade. Outro fator é que, em muitos casos (uma inversão de “anarquista nas ruas, fascista nos lençóis”), somos anarquistas em casa e capitalistas quando viajamos: ou estamos fazendo turismo quando vamos a outros países, ou mesmo quando visitamos espaços e movimentos radicais, ainda é apenas turismo revolucionário, indo aonde nos apetece, para consumir e satisfazer nossa curiosidade, mas sem um projeto, sem estabelecer relacionamentos ou sem compartilhar esses novos relacionamentos quando

voltamos para casa. É individualista.

Além disso, para que isso funcione, precisaríamos encontrar uma maneira de evitar que nossas rixas locais se internacionalizem, o que significa desenvolver a maturidade para distinguir entre as pessoas que nos irritam e nossos verdadeiros inimigos. Ainda precisamos manter uma solidariedade básica com aqueles que apenas nos irritam.

O problema fundamental é o substrato, a cultura capitalista que reproduzimos sem perceber.

# Continuidade

## O que é e por que não a temos?

Continuidade é a sobrevivência das nossas lutas e dos nossos sonhos.

Como regra geral, grupos horizontais, circulares e recíprocos são muito mais inteligentes e ágeis do que estruturas hierárquicas. Hierarquias existem para controlar e explorar grandes grupos; essa é a sua única vantagem. Mas, graças ao triunfo histórico do patriarcado, do Estado e do capitalismo, resultado de uma convergência tecnológica altamente particular entre os séculos XIV e XIX, vivemos em condições de extrema alienação que obstruem a continuidade da sabedoria popular. O resultado é que, em nossas lutas, sempre temos que começar do zero, temos que desaprender a cultura do Estado e reaprender ou reinventar nossa própria cultura e nossa própria história, enquanto o Estado desfruta de uma acumulação de mais de mil anos de tecnologias e métodos de controle. Jogamos com desvantagem.

A falta de continuidade é um dos pontos estratégicos mais importantes nessa luta. A ausência de memória — amnésia social — é um elemento fundamental da branquitude (e da mestiçagem nas colônias; podemos entender que há pessoas que reivindicam a mestiçagem de forma antirracista, mas nos inspiramos nas críticas de camaradas sul-americanos que analisam a mestiçagem como uma ferramenta de integração com a branquitude). Em comparação, as lutas indígenas — que se beneficiam da memória viva de uma história de resistência e de uma relação diferente com a terra e entre os povos — são muito mais fortes, apesar de enfrentarem níveis genocidas de repressão. Em zonas de branquitude, mantêm-nos pacificados com eleições, filmes, auxílios-desemprego miseráveis e um uso frequente, mas limitado, de ação policial, tortura e prisão, enquanto em territórios indígenas utilizam paramilitares e esquadrões da morte, às vezes na escala de uma guerra total. Mesmo assim, os camaradas de lá frequentemente conquistaram um alto grau de autonomia.

As causas últimas da falta de continuidade são a branquitude e o patriarcado, atuando por meio de suas estruturas no Estado e no capitalismo. Seus sintomas podem ser vistos nas pessoas que abandonam a militância após alguns anos por exaustão ou problemas de saúde, quando já esgotam toda

a sua energia em empregos de merda; quando sua atividade como mães ou curandeiras (ou outros papéis) não é reconhecida como uma forma de luta; e também em pessoas que permanecem ativas, mas são incapazes de transmitir suas experiências como parte da inevitável mudança geracional, seja pela falta de comunicação entre gerações, pela exclusão capacitista dos mais velhos (ou não tão velhos assim), ou porque nunca sequer refletiram sobre o que viveram. O pêndulo revolucionário mencionado no início também dificulta qualquer reflexão ou transmissão.

Então, quais são as causas próximas que unem as causas últimas (patriarcado, branquitude) aos seus sintomas?

## Individualidade

Em zonas de branquitude, a forma como nos concebemos é um produto do cristianismo e do capitalismo. Primeiramente, o cristianismo e, mais recentemente, o capitalismo centraram suas estratégias para romper a solidariedade. O cristianismo, disseminando-se pela Europa numa época em que os Estados ainda não eram poderosos o suficiente para eliminar a comunidade, utilizou o golpe da punição eterna para fazer com que as pessoas favorecessem seus próprios interesses em detrimento dos outros. Afinal, a vida mortal era uma fase breve, insignificante perto de uma eternidade de paraíso ou punição. A unidade da Criação era hipocrisia se, no final, todas as nossas almas fossem julgadas individualmente. Qual seria o papel da solidariedade se a única alma que podemos salvar é a nossa?

Uma vez que os Estados se tornaram poderosos o suficiente para travar uma guerra contra os bens comuns, o capitalismo pôde evoluir de um jogo entre comerciantes para o motor econômico de uma nova sociedade, e recompensou as novas classes dominantes dez vezes mais. Sobre o alicerce da escassez artificial garantida pelo Estado, o capitalismo redesenhou a vida de modo que as ferramentas para alcançar a sobrevivência fossem todas competitivas. Somente o indivíduo, ou no máximo a família nuclear, poderia prosperar e avançar. Sob o capitalismo, a própria sobrevivência exigiu que traíssemos até mesmo a possibilidade de comunidade.

Levará gerações para deixar para trás as cicatrizes da alienação e da escas-

sez, mas precisamos fazer a escolha real de nos afastar, de nos curar, de reconhecer que o individualismo, a competição e a escassez não são nada além do resultados de uma guerra que perdemos, são as condições de rendição que nos mantêm impotentes. Ver-nos como indivíduos soberanos, cada um um país, nos destina ao fracasso, a sermos governados. Uma sociedade de indivíduos é um mosteiro dividido em celas, é uma prisão que coloca cada um de nós em confinamento solitário.

Como é possível que tantas pessoas estejam sofrendo os mesmos traumas e todas façam isso sozinhas? Como é possível que tantos dos nossos companheiros se matem com trabalho assalariado e “desapareçam” dos nossos meios? Como podemos ser tão egocêntricos a ponto de pensar que uma pessoa “desapareceu” só porque não aparece mais nos nossos espaços? Todas essas perguntas têm a mesma resposta.

Nós somos as nossas relações.

Isso significa que não somos indivíduos separados, nem uma massa homogênea. O paradoxo é que todos nós somos um bilhão de experiências únicas da mesma coisa. Nunca existimos sem o outro, mas também nunca seremos o mesmo que ele.

## Cuidado

Cuidado é uma das últimas palavras da moda, mas é uma prática que deixa a desejar. E no primeiro ano da pandemia, parecia que nossa capacidade de cuidado havia explodido. Vejam todas as iniciativas de ajuda mútua que floresceram, que ajudamos a organizar! Mas esse tipo de transbordamento de abundância só acontece em momentos de emergência e desastre, como se a vida cotidiana sob o capitalismo já não fosse desastre suficiente para inspirar uma resposta coletiva e enérgica.

Estamos morrendo em isolamento porque ainda entendemos e praticamos a sobrevivência como uma preocupação individual. Não sabemos compartilhar. Estamos falando cada vez mais sobre a importância do cuidado, mas não mudamos a estrutura básica da nossa existência, nem dentro nem fora da luta. É uma estrutura individualizada, que preserva o capitalismo e a branquitude dentro dos nossos movimentos. O capitalismo é mestre em ven-

der sobrevivência para clientes isolados, empurrando comprimidos de um tipo ou de outro; nunca o venceremos nesse jogo e nem deveríamos tentar. O cuidado é coletivo ou é uma mentira.

Talvez, para resolver de verdade, seja necessário reconhecer que o cuidado é uma questão secundária. Antes de realmente melhorarmos nossas práticas de cuidado, precisamos responder à pergunta: do que cuidamos? A máquina mais brutal precisa de cuidado. O patriarcado sempre deu muita ênfase ao cuidado: ensina que as mulheres devem cuidar das mesmas relações que as oprimem. O capitalismo afundaria sem o cuidado, que é justamente o que permite sua própria reprodução. Aumentar ou melhorar o cuidado dentro das mesmas estruturas atomizadas, patriarcais e capitalistas nos condenará à exaustão e à incoerência.

No movimento social típico de hoje, aumentar o cuidado significa uma mudança de vocabulário e nenhuma transformação em nossa prática real. Se estamos fodidos com ansiedade, dor crônica ou por causa de algum conflito interpessoal, vamos a festas ou passamos uma semana inteira assistindo Netflix - mas agora chamamos isso de “cuidado”, mesmo que ninguém nos procure para saber como estamos e, nós também não procuramos quem está em uma situação semelhante. “Cuidado” vira uma zona de conforto, então, se alguém de quem não queremos ser amigos aparece no “nosso” centro social, grupo de leitura ou alguma outra iniciativa confortável, encontramos formas baratas de expulsá-lo.

Cuidar significa aprender o vocabulário mais correta e atualizada, mas ainda assim não apoiar alguém que está passando por um episódio depressivo, a pessoa que dorme na rua, a pessoa que sofre o racismo da polícia e das fronteiras, a pessoa que foi agredida por alguém que deveria cuidar dela, a pessoa com doença crônica, a pessoa que não consegue pagar o aluguel. Comparado a uma década atrás, talvez hoje falemos mais sobre os milhões de tipos diferentes de violência que as pessoas enfrentam, mas não estamos ao lado delas cuidando.

Se você tem prestado atenção, saberá que isso também significa: não estamos cuidando de nós mesmos quando somos nós quem passamos por essa violência. Ou reprimimos nossos sentimentos para podermos continuar a

aparecer nos espaços normalizadores de nossas vidas, seja um trabalho, um encontro com amigos ou espaços de militância. Ou não conseguimos aparecer, nos isolamos, justificamos essa comunidade solitária de “eu e a tela” por semanas a fio e encontramos alguém para culpar. Ou nossos amigos e camaradas por não estarem lá para nós, ou a nós mesmos por estarmos quebrados.

Precisamos de uma solidão que seja uma escolha, um longo momento de meditação e aterramento que exista em diálogo com muitos outros momentos: noites de alegria ou tristeza cozinhando juntos com todos da assembleia para comemorar um aniversário ou lembrar o aniversário de uma morte; manhãs limpando a casa de um amigo doente ou apoiando-o para lidar com um aumento de aluguel, seja ajudando-o a se mudar para um lugar mais barato ou fazendo uma visita ao escritório do proprietário; fins de semana com o grupo de afinidade caminhando pelas montanhas, vendo como a floresta alimentar está se regenerando agora que começamos a cuidar dela como membros respeitosos do nosso ecossistema, fazendo uma pausa para nadar nus ou praticar tiro ao alvo.

Alguns de nós estamos nos aprofundando, revivendo essas práticas, embora na maioria das vezes apenas com um pequeno grupo de amigos. Não confiamos o suficiente nos outros para compartilhar a sobrevivência, o que é o mesmo que dizer que não confiamos o suficiente em nós mesmos para compartilhá-la.

A construção dessa confiança, por dentro e por fora, é uma das tarefas revolucionárias mais importantes do momento atual.

## Violência íntima

Nós, socializados como homens, somos responsáveis por uma parcela desproporcionalmente grande do abuso e da violência interna, e por uma parcela desproporcionalmente pequena do cuidado, da cura, da cozinha, da limpeza, da alimentação, dos cuidados com os filhos e do compartilhamento de habilidades. Tornamos a continuidade impossível porque estamos mantendo nossos próprios movimentos, reduzindo drasticamente a qualidade da nossa ajuda mútua, bem como a inteligência emocional das nossas lutas. Não há desculpa para não nos mexermos, encontrarmos recursos para terapia e

cura, colocarmos essas ferramentas em uma estrutura coletiva e transformadora, aprendermos a ser companheiros, amantes, amigos e familiares saudáveis e nos apoiarmos uns aos outros. Ao não fazermos esse trabalho, estamos nos machucando, traíndo nossas crenças e qualquer desejo de solidariedade e libertação, e ferindo as pessoas que mais amamos.

Essas feridas levarão gerações para cicatrizar, mas a cura não acontecerá automaticamente. Precisamos abordá-las com paciência, atenção, persistência, compaixão e empatia; com raiva e amor. Podemos aprender algumas coisas com aqueles que vieram antes de nós. Nossas identidades não são estáveis. Todas essas formas de opressão se cruzam e mutilam cada um de nós. Ninguém está imune a isso, e nenhum grupo demográfico está livre dessas lógicas de poder.

Alguns de nós precisarão aprender a expressar suas emoções de forma saudável, a ser atenciosos e empáticos e a ajudar a cuidar daqueles ao seu redor. Alguns de nós precisam desaprender mecanismos de sobrevivência prejudiciais e perceber o impacto que esses mecanismos têm nas pessoas com quem nos importamos. Outros precisam desaprender crenças de direito que justificam cruzar os limites das pessoas, desrespeitá-las ou usá-las. Há os que precisam se curar de traumas e aprender como não reproduzir danos. E outros precisam aprender métodos de autodefesa, tanto coletivos quanto individuais, já que o mundo não é um lugar seguro e provavelmente não será por muito tempo. Alguns de nós precisam aprender muitas ou todas essas coisas. E você não consegue dizer, apenas olhando para alguém, o que ela vivenciou, o que ela pode ensinar e o que ela ainda precisa aprender.

O que está claro, porém, é que estamos em um processo longo e lento. Os métodos que desenvolvemos para lidar com o dano e a cura são cruciais. Eles serão as sementes de um novo sistema punitivo ou as sementes da nossa libertação, as sementes de uma comunidade que jamais recorrerá à polícia ou às prisões. Não existe um manual para esse processo. Inúmeras pessoas já tentaram escrever um, e ninguém conseguiu. Quanto mais tentamos codificar as complexidades de nos defendermos, nos curarmos e de assumirmos responsabilidades no mundo real, mais nos assemelhamos ao sistema de justiça carcerária do Estado.

Não há um caminho claro, mas há um desejo coletivo de melhorar. Acho

que faz mais sentido buscar orientação nas pessoas em nossos círculos que sabemos serem curadores e mediadores habilitados. Muitas vezes, porém, esse poder é dado àqueles que são os organizadores mais carismáticos ou os oradores e escritores mais inspiradores. Esta última categoria de pessoas exerce um poder que é validado tanto dentro do nosso movimento quanto na sociedade hegemônica, e essa é um ponto de sobreposição perigoso, pois permite que alguém com pouca experiência em cura ou responsabilização se proteja contra críticas a seus próprios comportamentos, denuncie aqueles que não seguem sua liderança e decida quem é irredimível. Ao mesmo tempo, essas pessoas tendem a direcionar pouquíssima atenção e recursos para quem mais precisa deles.

## Má resolução de conflitos

Temos medo do conflito. Não compreendemos que a vida em si é conflituosa, que não aprendemos nem crescemos sem conflito. Por isso, entendemos os conflitos como algo a ser resolvido, que deve desaparecer, e não como um elemento constante da nossa convivência. Isso nos leva a punir quem torna um conflito visível, como por exemplo, uma pessoa que sofreu abuso ou alguém que quer nos fazer falar sobre um problema comum. A pessoa que se aproveita de um conflito para ganhar poder de forma sutil – por exemplo, criticando a pessoa que reclama, que torna o problema público – é recompensada.

Esse medo do conflito gera níveis de hipocrisia que tornam qualquer luta libertária impossível, já que uma luta anárquica requer uma sinfonia entre meios e fins. Isso faz com que, em todo conflito, as pessoas sintam que precisam escolher um lado. Mas, desde que “o outro lado” não nos negue a possibilidade de uma existência digna (como a polícia ou os bancos), aprendemos mais em conflitos quando não há lados, quando temos a oportunidade de refletir sobre nosso próprio comportamento e sentir empatia por alguém em uma posição muito diferente da nossa.

Subculturas que evitam conflitos acabam apoiando aqueles que já detêm mais poder. Que tipo de poder? Um tipo que frequentemente não nos ajuda

em nossas lutas por libertação e, na verdade, nos torna mais vulneráveis a criptoautoritários e à infiltração policial: manipulação social, disseminação de boatos, a capacidade de atrair pessoas para o seu lado ou de colocá-las contra outra pessoa sem nunca confrontá-la diretamente.

Quando um conflito explode, as pessoas acabam recorrendo à balança que costumamos usar como substituto de qualquer consideração ética. Independentemente dos valores que professamos, colocamos todas as nossas amizades e recursos na balança, pesando aqueles que perderíamos se nos posicionássemos de uma maneira contra aqueles que perderíamos se nos posicionássemos de outra. E é por isso que temos tanta hipocrisia no movimento, e tantas divisões e rupturas onde ainda deveria haver diálogo. E é justamente porque nem todas as posições são iguais, nem todas as atitudes e ações são válidas, que precisamos manter vivas as conexões. Se um grupo opta por uma estratégia que provavelmente é uma má ideia ou pode impactar a situação de outros ao seu redor, ele não precisa dar ouvidos a quem o denunciou e tentou expulsá-lo de espaços compartilhados.

Nossa tarefa mais urgente nesta frente é apoiar os companheiros que tornam os conflitos visíveis, mesmo que a forma como o fizeram não tenha sido perfeita; repreender os companheiros que usam a fofoca em vez de falar diretamente com os envolvidos; oferecer mediação aos companheiros que têm medo de ter uma conversa direta com alguém; ajudar todos nós a aprender a dar e receber críticas com delicadeza, assumindo a boa-fé; e gerar espaços onde possamos falar sobre conflitos e sentimentos com um horizonte de transformação coletiva, entendendo que todos nós somos marcados por esta sociedade e ninguém é perfeito.

Mecanismos formais de resolução de conflitos que se baseiam em regras ou protocolos não nos ajudam, porque se baseiam em categorias simples e estáveis que não conseguem dar conta da complexidade dos conflitos da vida real.

O único protocolo deveria ser:

1. cultivar uma consciência anarquista (sensível a todas as formas entrelaçadas de opressão e poder, mas não dogmática, aberta à complexidade da vida, ciente de que os modelos rígidos sempre achatam a realidade);
2. abrir espaços para lidar com conflitos, deixando cada processo se desenrolar como precisa;

3. avaliar esses espaços: se eles terminam com vencedores e perdedores (ou perdedores e perdedores), e especialmente se os vencedores são aqueles que já tinham mais poder no meio, volte ao passo 1, porque não está funcionando.

Como diz um camarada, precisamos de “quadril” para dançar, para nos movimentar, para acompanhar os conflitos e transformá-los em coisas férteis e nutritivas. Para isso, precisamos compartilhar o entendimento de que o objetivo é a transformação de cada pessoa que esteve presente no conflito: cada pessoa envolvida na disputa e também as pessoas que se consideravam meras espectadoras.

## Desespero

É difícil perder, perder e perder, e assistir à destruição de tudo o que amamos ao longo de décadas e séculos. É difícil ser tão radical (e realista), ir à raiz do problema e confrontar os inimigos mais perigosos, as instituições mais poderosas do planeta.

Só posso dizer duas coisas sobre isso. É mais fácil superar o desespero quando praticamos o cuidado real, quando cuidamos uns dos outros de forma comunitária, quando coletivizamos nossa tristeza, nossa raiva e nossa derrota.

A segunda pode surpreender as pessoas excessivamente racionais e ocidentalizadas: é mais fácil cair no desespero quando compramos a mentira capitalista de que só temos uma vida. A vida é muito mais longa e múltipla. Se vencermos a revolução daqui a duzentos anos, estaremos lá, como parte dela, assim como nossos ancestrais - que lutaram contra a burocratização de seus sindicatos, contra o serviço militar, contra o progresso dos teares mecânicos, ferrovias e barragens, contra a criminalização do aborto, contra o cercamento de terras comunais, contra os assassinos a serviço dos Reis Católicos e a Igreja, ou contra o maldito Império Romano - estão presentes agora mesmo em nossa luta.

Se acreditarmos que temos que vencer ainda em vida ou que então não vale a pena, nunca teremos a paciência necessária para realmente ir à raiz do problema.

## Idade

É muito difícil construir continuidade em nossas lutas quando elas são estruturadas para favorecer os ritmos e as necessidades de pessoas jovens saudáveis e neurotípicas. É muito difícil quando acreditamos na mentira da igualdade em vez de aceitarmos a realidade da diferença. Não podemos esperar uma participação igualitária na luta.

O que temos são espaços para militantes jovens, que em geral não buscam conexões fortes e contínuas com aqueles que têm outras habilidades, ritmos e necessidades vitais; temos ideias sobre amor e amizade que constroem uma família muito estreita e, em seguida, tratam todos os outros como dispensáveis; temos práticas ruins para responder a conflitos que garantem o esgotamento, a desilusão e a amargura das pessoas; e temos uma individualização da luta que fomenta o desespero. O que temos são movimentos que parecem ter sido intencionalmente projetados para garantir que só consigamos nos manter ativos por apenas cinco a vinte anos, antes de nos aposentarmos, isolados e cansados demais para transmitir o pouco que aprendemos.

## Critérios equivocados

Raramente trabalhamos em conjunto para identificar deficiências estratégicas em nossa luta e, então, fazer o esforço para superá-las juntos. É necessário enfatizar que isso é um problema?

## Falta de sinceridade

Um dos critérios equivocados mais importantes é o fato de a sinceridade não ser considerada uma característica revolucionária. Estamos preocupados demais com a pureza ideológica para perceber com que frequência os membros mais puros do nosso movimento ou não fazem muito além de falar ou queimam qualquer um que os contradiga. Nos unimos em torno daqueles que são mais divertidos e carismáticos, esquecendo de perceber que os verdadeiros camaradas são aqueles que ainda estão lá quando as coisas não estão boas.

Meios e fins não podem ser separados. Os meios estão sempre presentes nos fins, e métodos alienados jamais provocarão uma revolução contra a alienação. Esta é uma das contribuições mais importantes da prática anarquista. Camaradas que acreditam que estratégia revolucionária significa mover peças em um tabuleiro de xadrez tratarão seus próprios companheiros como peões. Aqueles que fazem política, que manipulam para mover as massas para suas posições corretas, que orquestram grandes coalizões, matam a solidariedade e deixam a revolução vulnerável, despojada de sua maior fonte de força.

## Semeando a continuidade

Para semear a continuidade, precisamos falar em comum sobre os obstáculos que enfrentamos e compartilhar ideias para enfrentá-los. Precisamos desafiar a ideia de que as pessoas com quem não cruzamos mais caminhos simplesmente se esgotaram, desistiram ou desapareceram. Precisamos cultivar uma multiplicidade de espaços, acolhedores para pessoas de diferentes idades, interesses, habilidades e origens. Depois, precisamos transformar essa multiplicidade em uma rede de solidariedade, criando e cultivando vínculos entre cada espaço.

As pessoas mais jovens precisam ouvir sobre as experiências de luta das gerações anteriores e, então, precisam de espaço para descobrir por si mesmas como essas histórias se relacionam com suas próprias circunstâncias atuais.

Precisamos começar a adotar uns aos outros, a nos comprometer uns com os outros, a expandir os limites da família e a redescobrir a comunidade. A amizade precisa se tornar um compromisso novamente, um vínculo que nos permita fazer coisas poderosas. Mas nossos compromissos não podem se limitar apenas aos amigos, porque solidariedade significa que não deixamos ninguém para trás.

Há dois outros temas que considero importantes para abordar a questão da continuidade: conflitividade e espiritualidade.

## Conflitividade

A conflitividade é um elemento da prática insurrecional que nos estimula a sempre encontrar a linha de falha em nossa sociedade e nos posicionar sobre ela, identificando as contradições e os conflitos que têm o potencial de destruir a unidade ilusória entre governante e governados. O anarquismo insurrecional nos incita a priorizar essa conflitividade ativa em detrimento da criação de uma grande organização (ou cena). Essa práxis da conflitividade também é uma rejeição ao materialismo estático que insiste que devemos esperar por certas condições históricas para agir.

Uma prática baseada na busca constante pelo conflito pode parecer um flerte com a autodestruição. No entanto, uma conflitividade inteligente pode dar mais continuidade às nossas lutas. Não apenas porque nos torna relevantes, mas também porque nos ajuda a superar a triste realidade da vida capitalista. A maioria das pessoas que conheço que conseguiram se manter comprometidas com um horizonte revolucionário são aquelas que entenderam que o inimigo é real, que se trata de uma questão de sobrevivência: pessoas que não se deixam enganar pela máscara democrática.

Como explicou Ruyman, da Federação Anarquista de Gran Canaria, nas comunidades que ajudam a ocupar, organizar e defender, após conquistarem o controle do terreno, eles incentivam essas comunidades de moradia coletiva a se envolverem em outros conflitos sociais e a servirem de base para outras lutas. Isso surge da necessidade de solidariedade e de uma avaliação estratégica que visa sempre ampliar a luta. Mas também vem do reconhecimento de que, sem inimigos externos, uma comunidade assim rapidamente cairá em conflitos internos, dado que “não se superam as misérias de 300 anos de capitalismo em três anos de auto-organização”. Tive uma experiência semelhante em um bairro pobre onde vivi por sete anos, que estava a meio caminho da auto-organização: uma vez que nos salvamos das escavadeiras, nos tornamos nossos piores inimigos.

Se escolhermos o conflito direto com o Estado e construirmos uma resistência mais forte do que eles esperavam, criando instabilidade onde precisam de estabilidade, o Estado pode nos oferecer um ramo de oliveira. Se for uma luta que pode ser reduzida a “uma questão”, o Estado pode conceder

uma reforma, impedindo as pessoas de desenvolver uma consciência mais interseccional e revolucionária, empoderando organizações da sociedade civil que nos pacificam e preservando seu papel como árbitro de todas as decisões na sociedade. Se a luta se tornou territorial, o Estado pode fingir ceder terreno cancelando ou restringindo um projeto de desenvolvimento, permitindo que uma ocupação escape do despejo por mais alguns anos ou legalizando um parque ocupado. Isso também é uma estratégia de contrainsurgência.

A lógica pragmática dos pactos e negociações, a ideia de que precisamos buscar paz com o Estado e o Capital para desfrutar de nossos espaços auto-organizados, desempenhou um papel importante na destruição de movimentos autônomos na Itália, Alemanha e Holanda, e na ZAD original na França. Eles conquistaram um espaço, mas perderam a luta, porque não compreenderam que não venceremos uma revolução por meio de um aumento linear nos espaços aos quais temos acesso. Podemos lutar por um espaço, perdê-lo e ainda sair mais fortes. Porque o que é mais vital do que a estrutura física é a continuidade das experiências que carregamos dentro de nós, que só perdemos quando a solidariedade e a comunicação são rompidas.

Para assinar o tratado de paz com o Estado, políticos de movimentos que presumem ter o direito de negociar pela luta inteira inevitavelmente terão que silenciar ou expulsar aqueles que não reconhecem sua autoridade. E, uma vez que um espaço é legalizado, é fácil empurrar aqueles que foram nomeados como seus cuidadores para se auto policiar. Ambos constituem atos de auto traição que levarão todo um movimento à dissociação, a esconder seus próprios segredos sujos em vez de compartilhar e aprender com eles. Podemos ver isso em grande escala — como a esquerda negociou com os fascistas durante a Transição — e em pequena escala, como os líderes autoproclamados de protestos que colocaram todos em risco ao negociar com a polícia durante a tentativa fracassada de ocupar um prédio no centro de Barcelona durante a greve geral de janeiro de 2011.

O mais importante sobre um espaço liberado é que ele seja liberado. Os usos que damos a ele sempre terão o potencial de ser mais subversivos, expansivos e transformadores. Ele pode não durar tanto, mas, no final, um espaço liberado é incomparável a um permitido, devido à questão da conflitividade, devido à nossa necessidade estratégica e existencial de nos opormos ao muro do Que É Possível.

Se o Estado tenta nos silenciar com concessões por medo da nossa revolta, por exemplo, financiando saúde pública ou centros comunitários, claro, podemos tirar vantagem dessas coisas. A questão não é permanecer puro. Às vezes, nossa necessidade de locais de encontro, um espaço para abrigar uma biblioteca, uma gráfica ou uma clínica é maior do que nossa capacidade de tomar esses espaços pela força. Contanto que entendamos que um espaço alugado ou permitido não é livre, o que isso significa e por que nos é dado margem para realizar nossos projetos subversivos, devemos aproveitar a oportunidade.

Mas pensar que podemos proteger nossas lutas e nossos projetos de libertação aceitando qualquer ramo de oliveira que o Estado nos ofereça? Não podemos nos desarmar para alcançar a paz com uma máquina cuja única função é devorar o mundo inteiro. Isso é “a paz do cemitério”.

Isso não é uma rejeição a qualquer tentativa de encontrar zonas de tranquilidade dentro da luta. Queiramos ou não, o Estado é por si só uma guerra constante contra todos nós, mas a guerra é, em grande parte, espera. Inclui momentos de logística, de treinamento, de coleta de informações, de preparação. Não precisamos nos lançar nas batalhas mais ferozes a todo momento. Já vimos isso acontecer, e é uma prática de autodestruição.

Entendemos a conflitividade como uma necessidade, mas também como um equilíbrio. Temos que buscar as linhas de falha na sociedade, os pontos de ruptura, e habitá-los, ampliá-los, torná-los grandes e ingovernáveis. Buscar a paz ou nos desperdiçar em ataques suicidas guiados por nossos princípios eternos, sem nenhuma estratégia de ampliação da revolta: essas duas opções favorecem o domínio do Estado. Precisamos reconhecer a guerra que o Estado trava contra nós e nos comprometer a lutar, e precisamos buscar solidariedade ampla para que nossa resistência jamais seja contida e isolada. Se fracassarmos em qualquer uma dessas coisas, vivenciaremos outra ruptura geracional e, em vez de desfrutar de uma continuidade de experiências, aqueles que vierem depois de nós terão que começar do zero mais uma vez.

## Espiritualidade

Torna-se inevitável abordar o tema da espiritualidade. Muitos são alérgicos a ele. E como escolhem não confrontá-lo, reproduzem a espiritualidade do capitalismo, uma espiritualidade das máquinas e do tempo morto (o texto de Bauma/Segadores “A importância revolucionária da celebração e do tempo cíclico” é uma tentativa de desenvolver este último aspecto desta questão).

A espiritualidade capitalista, ao afirmar a hegemonia científica, faz questão de separar as práticas de espiritualidade da vida produtiva e reformulá-las como algo privado, pertencente à cultura dos indivíduos: algo que deve ser deixado em paz e não ser examinado. Uma vez que a vida privada tenha sido erradicada, a espiritualidade pode ser completamente deslegitimada, uma manobra da qual participaram muitos filósofos e engenheiros do capitalismo, bem como muitos anticapitalistas ocidentais. Mas a espiritualidade da acumulação, das máquinas, da ciência ocidental, foi agora estabelecida como normal, objetiva e, portanto, incomparável à espiritualidade cultural e subjetiva. A ironia é que este é o movimento final do monoteísmo mais extremo. Não apenas todas as outras religiões são falsas, como a própria religião nem sequer é uma religião; ela alcança uma categoria totalmente nova: a da verdade absoluta.

Podemos perceber a fé religiosa dos racionalistas em sua incapacidade de submeter o racionalismo a uma avaliação lógica. Eles têm um ponto cego característico dos crentes e não enxergam o que é evidente: critérios puramente racionais e materialistas podem responder às perguntas “quando” e “quanto” e, às vezes, até “como” ou “o quê”, mas nunca conseguem se aproximar de uma resposta para o “por quê”.

Por que não deveríamos viver como autômatos? Por que não é aceitável destruir o planeta? Por que o dinheiro existe e é aceitável deixar as pessoas morrerem de fome se não têm nenhum?

No fim das contas, essas perguntas são as mais importantes (na verdade, são os únicos tipos de perguntas em que o conceito de importância pode ter algum significado). E elas precisam estar enraizadas em um sujeito. A construção de um “nós” é, por definição, subjetiva. Ela corresponde ao vivido, aos sentimentos, a uma perspectiva específica sobre o mundo. Uma construção

bem feita do “nós” precisa ser não apenas subjetiva, mas também espiritual, pois seu ponto de partida é constituído por desejos, sonhos, imaginários, histórias afirmadas e conexões entre seres que não se limitam ao material.

No fim das contas, podemos nos esquivar da questão da espiritualidade, mas nunca podemos deixá-la para trás. Individualidade e solidariedade; a ideia de que a terra é uma mercadoria que pode ser comprada e a ideia de que a terra é algo vivo e inalienável; a ideia de que você e eu estamos em uma competição e a ideia de que você e eu temos que cuidar um do outro; a ideia de que o crescimento econômico é importante e a ideia de que a liberdade é importante; cada uma dessas são afirmações espirituais. Todas elas implicam nossa definição subjetiva da vida e de nós mesmos, a conexão que traçamos entre os seres, como desenharíamos os limites ou fluxos entre esses seres, a relação entre eu e o universo e a questão de por que estamos aqui. Nenhuma dessas questões pode ser resolvida medindo átomos, quantificando os comprimentos de onda da radiação eletromagnética ou decifrando a constante de Planck.

Eles nos venderam a ideia de indivíduos e relações que vem de uma espiritualidade racionalista, e estamos pagando por isso com a perda interminável de continuidade em nossas lutas. Isso não é coincidência.

Então, agora, com força e convicção: quem somos nós, o que acontece quando morremos, por que estamos aqui? Estamos aqui para amar, para destruir o que nos destrói, para criar nossa liberdade; quando uma de nós morre, nós a carregamos conosco, ela retorna à Terra, ela permanece entre nós; somos nossas relações, somos um monstro ingovernável, somos seres que não se encaixam em seu mundo de exploração.

# Comunidade

## Isso não é uma comunidade

Quando ouço alguém que vive em uma zona de branquitude pronunciar a palavra “comunidade”, minha reação instintiva é ceticismo. E isso tende a ser justificado. Nós não temos comunidades. As entidades que chamamos de “comunidades” não só não o são, como muitas vezes são agrupamentos sociais baseados especificamente em enganos egoístas. Na verdade, essa pode ser a principal diferença cultural e estrutural entre zonas de branquitude e zonas que ainda vivenciam um momento mais vivo no constante processo de colonização. Se realmente tivéssemos comunidades de verdade aqui, elas também teriam que estar nos assassinando com paramilitares, ações policiais constantes ou com a disseminação de drogas viciantes controladas por máfias hiper violentas, assim como fazem em comunidades indígenas, em comunidades ciganas e afrodescendentes.

Uma comunidade não é um grupo de amigos, nem um segmento demográfico. Se todos têm a mesma idade, não é uma comunidade. Na verdade, se você se dá bem com todos os outros ali, se você não odeia pelo menos uma das outras pessoas que fazem parte dela, não é uma comunidade.

Comunidade é uma unidade de sobrevivência compartilhada. Se você pode simplesmente deixá-la porque se entediou ou porque outro bairro, outra cidade, parece mais interessante para você, então isso não é uma comunidade (e se você olhar o mundo dessa forma, decidindo levemente onde morar, levará anos de trabalho até conseguir entender o que é uma comunidade). Isso não significa que a comunidade seja algo baseado em coerção, que você não seria livre para sair se precisasse (embora também existam esses tipos de comunidades). Significa que você não é a mesma pessoa dentro ou fora dessa entidade, porque ela te atravessa e te constrói de uma maneira e não de outra. Se você vive de um emprego assalariado, comida de supermercado, educação pública ou privada, entretenimento da Netflix ou grandes casas de shows, você não pertence a nenhuma comunidade além da comunidade morta do Capital. Ponto final.

Portanto, comunidade é algo tão vinculante que vai além de nossas preferências e amizades e nos dá razões para permanecer (na verdade, ela constrói

quem somos), mesmo que algumas das outras pessoas que a compõem possam nos irritar profundamente. Em outras palavras, em vez de direitos ou políticas de conforto, é preciso maturidade, capacidade para a complexidade. “Jogo de cintura”.

Enquanto o Estado existir, nenhuma comunidade poderá existir completamente dentro de seu território. Mas não sejamos perfeccionistas (aliás, se quisermos pertencer a uma comunidade, não podemos ser). Podemos dizer que qualquer entidade organizacional-territorial que torne possível alguma parte importante de nossa sobrevivência de forma comunitária é uma comunidade. Ela é incompleta, existirá em conflito com o Estado e o Capital, mas está a caminho de se tornar uma comunidade totalmente autônoma ou de ser destruída.

Isso ocorre porque o Estado e as comunidades só podem coexistir em condições de guerra de baixa intensidade. A comunidade vai erodindo a autoridade estatal à medida que gradualmente tenta recuperar suas capacidades, enquanto o Estado tenta sistematicamente enfraquecer as comunidades por meio da repressão e da escassez imposta. Esse conflito escala para uma guerra de alta intensidade quando o Estado implementa uma campanha de contra insurgência contra alguma ameaça que considera concreta.

## Um imaginário comunitário

A comunidade existe em contradição com o imaginário democrático que o movimento anarquista infelizmente herdou. Igualdade é um conceito sem qualquer significado dentro da comunidade. Sendo a comunidade uma estrutura de sobrevivência comunitária, seu princípio organizacional mais importante (além da ajuda mútua e da solidariedade, é claro) é a complementaridade. E, portanto, a diferença. Não se pode ter uma comunidade de engenheiros, nem uma em que todos sejam igualmente qualificados para as mesmas tarefas.

Como já vimos, uma comunidade precisa compartilhar a sobrevivência, o que pode ocorrer por meio de hortas comunitárias ou coletivas ou outras formas de produzir alimentos em conjunto, uma prática de autodefesa mútua contra despejos, o cuidado coletivo com idosos e crianças, ferramentas comunitárias para educação e aprendizagem, cultura e entretenimento auto-

-organizados e comunitários. Para que a comunidade desenvolva essas capacidades, as pessoas vão girar em torno de papéis desiguais, responsabilidades específicas e conjuntos de habilidades sobrepostas. Esta é a forma organizacional complementar necessária para uma comunidade real, bem como para uma luta coletiva.

Pelo que vi e pelo que me foi compartilhado, muitas comunidades indígenas em luta contra a colonização têm certas “autoridades tradicionais” que poderiam ser chamadas de papéis desiguais ou responsabilidades específicas, dado que, dentro de um contexto cultural-linguístico europeu, é impossível compreender o conceito de autoridade fora do Estado, da Igreja e da família patriarcal.

É muito lamentável que em alguns países colonizadores e em alguns Estados coloniais, de Londres a Santiago, muitos camaradas libertários digam que certos camaradas indígenas (ou, pior ainda, as lutas indígenas em geral) “não são anarquistas [como se precisassem ser], porque têm chefes”. Para começar, não. Se existe uma posição com responsabilidades definidas que, ao ser traduzida para uma língua europeia - da qual toda a memória do nosso passado sem Estado já foi apagada - é rotulada como chefe, essa é uma modulação relevante a ser considerada. Mas a falta de curiosidade ou de esforço para entender o que se perde na tradução, o que é distorcido pela lente do etnógrafo e o que, de fato, está sendo referido com títulos indígenas que são achatados na palavra inglesa “chefe” é, francamente, colonial e, portanto, não anarquista. A hipocrisia também é notável. Se formos honestos, santa paciência, a quantidade de autoritarismo oculto que podemos encontrar dentro dos próprios movimentos anarquistas, mesmo que eles não nomeiem ou identifiquem qualquer posições de autoridade!

Não proponho adotar os papéis utilizados nesta ou naquela comunidade indígena. Isso seria um ato de consumo, de exotificação, de colonialismo. Pelo contrário, menciono uma prática comum a muitas lutas que têm sido mais eficazes do que o anarquismo ocidental para destacar como nos alimentamos de um imaginário equivocados, o da democracia (um sistema baseado na escravidão, na guerra e no patriarcado). Precisamos de uma ruptura definitiva com essa herança maligna.

Proponho, a seguir, a adoção explícita e intencional de certos papéis que

já existem, sem nome, em maior ou menor grau, em nossas lutas. Acredito que grande parte da ineficácia e da falta de continuidade em nossas lutas se deve à nossa incapacidade de reconhecer esses papéis e diferenças (escondendo-os sob uma cortina de fumaça enquanto nos agarramos a este ideal democrático de sermos todos camaradas iguais e intercambiáveis). Como não reconhecemos esses papéis, não somos capazes de criar uma complementaridade saudável entre eles. O resultado é que temos hierarquias que não podemos nomear e lutas completamente desequilibradas.

Proponho que cada pessoa possa desempenhar um, dois ou, no máximo, três desses papéis. É possível que alguém se sinta identificado com ainda mais papéis, mas, para ser realista, ele não teria tempo para adquirir o conhecimento e as habilidades necessárias para exercer tantas responsabilidades.

Combatentes. Promovem a autodefesa coletiva e assumem riscos para defender a comunidade e atacar as estruturas que nos colocam em perigo. Não devem travar uma guerra segundo seus próprios critérios, mas sim se colocar à disposição da comunidade.

Curadores. Desenvolvem a capacidade da comunidade e de seus membros de se curarem e se manterem saudáveis. Em particular, devem trabalhar em estreita colaboração com os combatentes e outras pessoas que enfrentam riscos elevados à saúde, em prol do bem comum.

Cuidadores. Acompanham pessoas com menor autonomia física, como crianças, idosos e pessoas com alguma deficiência ou limitação física.

Construtores. Projetam, montam, desenvolvem e consertam as infraestruturas e estruturas da comunidade, de hortas a casas. Nem todos que usam ferramentas ou ajudam em mutirões são construtores, já que a participação ampla nos dias de trabalho comunitário é esperada; os construtores são aqueles com o conhecimento necessário para organizar e orientar os trabalhos comunitários. Os demais terão que se esforçar para manter os construtores conectados com ideias críticas, pois o capitalismo costuma ter relativa facilidade em cooptar esse tipo de pessoa.

Elos. Viajam e se comunicam e, ao fazer isso, mantêm os contatos entre sua comunidade e toda uma rede de outras comunidades e lutas em níveis regional e internacional. Tendem a ser pessoas com grande capacidade social e linguística, falando vários idiomas e sendo capazes de se adaptar a diferentes culturas. Não praticam turismo, como muitos radicais ocidentais fazem hoje em dia, mas, em vez disso, viajam e visitam comunidades vizinhas com um olhar comunitário, para tecer redes, compartilhar recursos e garantir que as informações circulem. Esse tipo de pessoa, sem um olhar comunitário, rapidamente se torna um traficante de influências ou um autoritário no movimento

Mediadores. Invocando uma imensa tranquilidade interna e relações amplas, guiam a comunidade em momentos de conflito intenso. Não ditam regras nem impõem soluções, mas ajudam as partes em conflito a reencontrar a capacidade de conviver e ajudam toda a comunidade a aprender e crescer.

Médiuns. Não são necessariamente artistas, visto que Arte é uma categoria burguesa e todos nós poderíamos realizar nossos trabalhos com mais arte, livres das pressões do mercado capitalista. São pessoas que canalizam experiências intensas e outras formas de ver o mundo, seja por meio do canto, da pintura ou de qualquer outra expressão, e as compartilham com a comunidade.

Contadores de Histórias. Ajudam a dar voz às experiências da comunidade, a lembrar e contar sua história coletiva ou a criar histórias que ajudem outros a compreender sua situação. Junto com os médiuns e mediadores, eles tendem a ser o papel menos numeroso na comunidade, e pode haver apenas um de cada em cada comunidade.

Poderíamos acrescentar que a educação, tal como existe hoje sob o Estado, não existe nas comunidades nem existiria num futuro comunitário, uma vez que cada papel se encarregaria de formar os novos aprendizes que sentissem a vocação para desempenhá-lo.

Hoje em dia, o que tendemos a chamar de “luta” é composto quase exclu-

sivamente por combatentes e elos – ou ideólogos que criam justificativas para as práticas da sua corrente ideológica, sem desempenhar qualquer papel útil. Enquanto isso, todos os outros papéis tão necessários para multiplicar a força de uma luta são excluídos. Muitas vezes, há apenas um par de curadores, hiperexplorados e desvalorizados pelos seus companheiros combatentes. Em alguns círculos, os combatentes consideram-se o elemento mais importante (ou único) da luta, embora nem sequer saibam expressar os seus sentimentos ou resolver os dramas que frequentemente causam. O resultado é que a maioria das pessoas que tendem a ser curadores, cuidadores e mediadores mergulha no pacifismo; os construtores pensam que esses “anarquistas” não sabem fazer nada de útil, apenas lutar e ir para a prisão, e acabam em algum projeto construtivo cujo potencial transformador é desperdiçado, sem qualquer horizonte revolucionário e provavelmente financiado por alguma ONG. Assim é o nosso movimento. Míope, fragmentado, pouco solidário e cheio de desculpas convenientes.

Atualmente, em nossas protocomunidades e pseudocomunidades, há muitas pessoas que não ocupam nenhum desses papéis. Essas são as pessoas que estão lá. Sua função é estar lá. É isso. Elas podem ser incrivelmente frustrantes. Se você for cínico e produtivista, elas parecem inúteis. Mas a verdade é que o capitalismo nos feriu muito e muitas pessoas ainda não estão prontas para desempenhar uma função nas comunidades que esperam nascer, em nossas lutas frágeis. E outros de nós estamos tão marcados que temos dificuldade em sentir empatia, em ver o valor nas pessoas além de sua utilidade. Mas é importante não assustá-los, não expulsá-los. O importante é que eles estejam lá, porque um dia serão capazes de se juntar a uma insurreição, participar de uma comunidade libertada, e não apenas ser meros espectadores do desastre que é a sociedade atual.

Em uma experiência organizacional no bairro, pude testemunhar alguns “estão ali” se transformarem em construtores quando uma iniciativa que eles não ajudaram a iniciar os convidou e lhes deu espaço e autonomia para crescer. Foi algo muito bonito.

Em uma comunidade mais complexa, como a que mal conseguimos imaginar hoje, certamente surgirão muitos outros papéis que ainda não conseguimos identificar.

Enquanto isso, o que precisamos fazer é iniciar conversas coletivas nas quais identifiquemos nossas habilidades e vocações, nos comprometamos com os papéis que são uma síntese entre aquilo que nos sentimos chamados a oferecer e do que os outros precisam de nós, e nos dediquemos não a estudos e carreiras individuais, mas a um processo de construção coletiva, nos dedicando a cuidar e fortalecer os outros. Dessa forma, construímos a sobrevivência comunitária, uma verdadeira comunidade.

Sem o compromisso de nos construirmos como seres relacionais em redes comunitárias, jamais teremos comunidades verdadeiras e jamais conheceremos uma realidade além da miséria e da alienação do capitalismo.

## A versão pessimista

Estamos muito longe desse objetivo. E não porque o Estado nos derrotou completamente, mas porque, todos os dias, decidimos — cada um de nós — falar sobre revolução, mas não caminhar em direção a ela.

Não tem peso algum que alguém se identifique como anticapitalista, antirracista, anarquista ou feminista. A imensa maioria das pessoas que se dizem anticapitalistas são incapazes e se sentem desmotivadas a comunalizar recursos e compartilhar sua sobrevivência. A esmagadora maioria das pessoas que se autodenominam antirracistas não estão desmontando a visão de mundo branca em sua prática cotidiana. A esmagadora maioria das pessoas que se autodenominam anarquistas protege hierarquias se elas ou seus amigos forem beneficiários. A esmagadora maioria das pessoas que se autodenominam feministas não apoia processos transformadores em torno da violência de gênero e, no final das contas, simplesmente escolherão a opção mais confortável, seja ignorar o abuso ou expulsar alguém que foi abusivo para continuar causando danos em outro lugar, longe dos olhos e do coração.

Isso é um fato. Pensar que as pessoas são simplesmente ruins seria justificável — pelo menos a raiva que dá origem a esse pensamento é justificável —, mas isso não nos ajuda a mudar a situação. Nosso ponto de partida precisa ser a consciência de que já fomos derrotados. O capitalismo nos tem exatamente onde quer. Entre traumas, precariedade e privilégios, a esmagadora maioria das pessoas está em modo de autodefesa (concebido de forma

individualista, é claro), ou preocupada com sua sobrevivência imediata, ou presa a privilégios efêmeros que as impedem de se preocupar com sua sobrevivência imediata (o que, convenhamos, é um privilégio bem confortável), mesmo que disfarcem suas ações como algo subversivo ou revolucionário. É estético, é um sinal de virtude dizer que gostariam de mudar o mundo, não que realmente o façam.

Quando você encontrar pessoas que colocam os princípios em primeiro lugar, começando pela necessidade de cuidar das outras, de se arriscar em processos verdadeiramente transformadores nos quais elas não ganham nada, segure essas pessoas com as duas mãos e não as solte! Pessoas assim valem mais que ouro.

Claro que, na realidade confusa das coisas, muitas pessoas oscilam entre seres corajosos e coerentes e seres que estão apenas preocupados em salvar suas peles ou se divertir. Se nos apegarmos à versão mais corajosa e coerente de nossos camaradas, talvez eles façam o mesmo conosco e, dessa forma, coletivamente, aos poucos, vamos todos aprendendo a ser o melhor que podemos.

O babaca em nosso centro social que abusa daqueles com menos poder do que ele; uma feminista hipócrita que ganha dinheiro cantando letras radicais em um palco, mas não se posiciona ao lado das sobreviventes de verdade; um anarquista que é um ditador mesquinho dentro da sua própria cena; o autor famoso que age como um babaca e não cuida de sua companheira; essas pessoas não são nossos inimigos, embora gastemos a maior parte de nossa energia lutando contra elas ou limpando os desastres causam. Nossos inimigos são as estruturas que nos destroem e nos impedem de ter uma vida feliz e livre, e nossos inimigos são as pessoas que dedicaram suas vidas a defender e lucrar com essas estruturas, como policiais e investidores.

Para termos força para lutar contra estes últimos, nossos verdadeiros inimigos, precisamos nos libertar do fardo que representam os primeiros, aqueles seres quebrados e miseráveis que simplesmente não conseguem parar de machucar aqueles ao seu redor. Acho que precisamos parar de entendê-los como pessoas. Não vale a pena. É mais útil e mais realista — embora também seja muito duro e cínico — entendê-los como terreno hostil.

O Leviatã nos derrotou, essa máquina que devora o mundo e é feita de patriarcado, capitalismo, Estado. Ele nos capturou e nos trancou em uma prisão que é o mundo de hoje. Ainda queremos viver: estamos preparando uma fuga, uma batalha feroz para destruir este mundo-prisão. Mas todo o terreno foi moldado pelo inimigo. Ele é expressamente desenhado para desencorajar a revolta. Estamos cercados por um deserto impenetrável, mas não se trata de uma planície vasta sem esconderijos. Esse deserto é feito de corpos humanos que parecem pessoas, mas que não fazem nada além de reproduzir a miséria do Leviatã. Seres que nos denunciariam se confiássemos neles, que nos apunhalariam pelas costas se pudessem ganhar um dólar com isso, e que fugiriam chorando ou se dedicariam a nos destruir se ousássemos compartilhar críticas construtivas com eles.

Diante deste terreno hostil, nossa resposta não deve ser explodir o território inteiro. Não há dinamite suficiente no mundo para isso. O que precisamos fazer é aprender a nos mover por dentro do terreno hostil, evitar as armadilhas, afastar ou despistar aqueles em quem não se pode confiar e, aos poucos, construir um novo terreno adequado à nossa luta, entre aqueles que se mostraram dignos de confiança, mesmo que não compartilhem uma afinidade exata.

## A versão otimista

Um camarada voltou de um desses territórios onde a guerra está em brasa, ou seja, onde as pessoas estão sendo mortas mais por balas do que por depressão ou poluição. Ele conseguiu sobreviver àquele conflito e veio para um desses países democráticos marcados pela paz social, um país onde, inclusive, há um movimento anarquista. Ele tinha camaradas ali. Esses camaradas sabiam que ele vinha de uma zona de morte, de uma guerra aberta. Ele me contou que a falta de cuidado por parte de seus camaradas, camaradas que se autodenominavam feministas e anarquistas, foi mais dura, mais letal, do que as balas do inimigo.

Então, por que oferecer uma versão otimista, se a versão pessimista é tão real quanto a vida e a morte? Porque também nos tornaremos não-pessoas, terreno hostil, se confiarmos em binarismos moralistas, se perdermos a espe-

rança, se nos recusarmos a olhar para o horizonte revolucionário, o sol, a lua, se falharmos em nossa responsabilidade uns com os outros. Precisamos de uma versão otimista, porque, se não tivermos esperança, jamais plantaremos um jardim, um espaço de cura no qual essas não-pessoas possam nascer, possam se tornar pessoas novamente, para serem nossos irmãos e irmãs, nossas companheiras, velhas e jovens, como eram antes.

E, nesse processo, também nós nasceremos, perceberemos que também nos tornamos não-pessoas, que éramos o terreno hostil de outra pessoa. Ao respirarmos fundo, perceberemos que não estávamos respirando completamente, e nos lembraremos de como isso é maravilhoso. Perceberemos que toda essa ideia de abstrair os outros como terreno hostil era um sintoma daquilo contra o qual estávamos lutando, uma sombra do nosso momento mais sombrio, quando simplesmente não tínhamos forças para manter a esperança em todos, para manter a porta aberta para todos, para contemplar quais feridas ou egoísmo impediam esses outros de manterem a solidariedade conosco, e assim rompemos a solidariedade com eles.

Tudo bem, essa falha. Também precisamos encontrar formas de lutar em nosso momento mais baixo, de abraçar as armas que usamos para nos defender nesses momentos, não importa quão imprecisas, quão de curto alcance sejam, porque, caso contrário, só há morte sem luto, só há rendição.

O Levia-tá teve cinco mil anos para nos ferir e nos enfraquecer. Não vamos nos curar em um ano, nem em uma geração. Temos que ser honestos sobre nossos limites. Às vezes, nosso coração não é grande o suficiente para amar aqueles que nos machucam. Mas, à medida que nossa comunidade e nossa luta crescem, cresce também esse coração que compartilhamos. Ironicamente, é esse crescimento que tem nos causado problemas. Quando estamos fracos, como uma posição estratégica de autodefesa, muitas vezes decidimos afastar as pessoas, deixá-las do lado de fora, se achamos que elas podem nos machucar. Mas esta não é uma posição revolucionária. É simplesmente um incentivo para que elas causem danos em outros lugares. Como podemos transitar da autodefesa, que é uma necessidade da vida, para a transformação revolucionária? E como fazemos isso quando a base da nossa política é o conforto, o prazer de estar ao lado da fogueira comum, felizes por não termos sido empurrados para o frio, mesmo que todos nós tenhamos feito algo que

poderia justificar isso? Essa mesma hipocrisia, nossa atual incapacidade de fazer essa transição, está no centro da falha que pode justificar a visão mais cínica dos nossos movimentos.

Paradoxalmente, precisamos fazer exatamente aquilo que nos destrói. E então prestar atenção. Quando empurramos alguém para o frio, não é porque somos limpos e elas estão sujas. Fazemos isso porque desejamos desesperadamente um lugar ao lado da fogueira. Outro espaço, com outros códigos, salvaria o lugar deles e nos expulsaria para fora. E quais são esses códigos?

Em muitos espaços, não avançamos além da selva social do ensino médio, onde o único código é a popularidade. Cantos mais conscientes do movimento tentam alinhar os códigos que governam a inclusão e a expulsão com as crenças eternas de nossas ideologias. Não, nossa afinidade com a cor preta não é o único ponto em comum que temos com padres em seus conventos. As máscaras mudaram, mas ainda estamos no baile.

Em determinado momento (ou repetidamente), precisamos nos arriscar. Precisamos baixar a guarda. A revolução não é a expansão geométrica de nossas bolhas de autonomia, nossos espaços seguros. Não é uma trajetória com um ponto de chegada onde todos nos tornamos hospedeiros perfeitos de nossos princípios e teorias.

É uma mudança completa em tudo. Nós mesmos não existiremos, pelo menos não como nos conhecemos atualmente. É uma expansão insanamente otimista da confiança e solidariedade para incluir quase todo mundo no planeta. Não farei nenhum apelo pelas vidas de policiais e investidores, mas, além daqueles que estão ativamente nos matando ou pagando outros nos matarem, todos têm que estar envolvidos. Já vimos o que acontece quando profissionais iluminados tentam fazer a revolução pelos outros. E também vimos, repetidas vezes, como é belo, como é rápido, quando pessoas que ontem não queriam nada conosco, hoje nos olham como camaradas, naqueles momentos súbitos em que destruimos a autoridade do estado e nos encontramos nas ruas.

É por isso que a ideia de comunidade é tão importante. Não é um grupo de amigos, nem um enclave de almas perfeita. É simplesmente um corpo de pessoas, de todos os tipos, com todas as arestas e imperfeições, que compartilham sua sobrevivência. O ato supremo de otimismo, então, não é acreditar

que todos (os outros) se tornarão melhores de alguma forma, mas que ousaremos baixar nossos escudos e encarar a vida de uma forma que constantemente nos convide a uma comunidade compartilhada de necessidades e desejos.

Portanto, voltando do plano grandioso para observar como tratamos nossas camaradas agora: para que nossas críticas sejam úteis dentro de uma prática revolucionária, comunitária, anárquica e amorosa, elas não podem ser uma forma de medir pessoas e ações em relação a algum padrão ideológico. Nossas avaliações devem ser históricas e afetuosas, situando a pessoa ou ação criticada entre o contexto atual de opressão e o horizonte emancipador que estamos construindo. Deve ser uma tentativa de dar — todos nós juntos — o próximo passo em direção a esse horizonte. Se for uma crítica que diz que tal pessoa ou ação não é digna, é um passo para trás. E estamos cansados de recuar. Fugimos do Leviatã até que ele se tornasse o senhor de todo o planeta. Não queríamos esta guerra. Mas agora não temos para onde correr. Estamos encurralados.

O capitalismo é tão forte quanto fraco, uma máquina poderosa trabalhando cegamente à beira do desastre. E o Estado perdeu suas máscaras. E nós somos fortes, somos belos. Depois de tantas gerações de derrotas, ainda estamos aqui. Depois de tanto esquecimento, nós nos lembramos.

Vamos em frente, camaradas. Aconteça o que acontecer, a vida em luta vale mais do que a paz da rendição.



Nos últimos 20 anos, os anarquistas desempenharam papéis vitais de apoio ou até criaram a força necessária para empurrar a raiva ou a resistência além de um ponto de inflexão e em rebelião incontrolável várias vezes, no Egito, Hong Kong, Catalunha, Grécia, França, Suécia, EUA, México, Chile, Brasil. Uma e outra vez, também ficamos para trás, não conseguimos nos preparar para um perigo previsível, ou não sabemos como dar os próximos passos.

Nossos sucessos mostram que há claramente algo válido sobre nossos métodos e críticas. Muitos de nossos fracassos se resumem a questões de Organização, Continuidade, Comunidade. Continuamos a fetichizar a organização, como se cada problema fosse um prego, em vez de tratá-lo como uma ferramenta simples, cada um com vantagens e desvantagens. Não conseguimos identificar efetivamente por que tendemos a ser um movimento de uma geração que tem que reinventar a roda e cometer erros semelhantes repetidas vezes. E não estamos entendendo efetivamente a natureza de nosso isolamento nesta sociedade, um isolamento que limita nossa capacidade de ação e nos deixa vulneráveis à repressão.

